

ILUSTRAÇÃO

N.º 281—12.º ano



UMA OBRA QUE É UMA FORTUNA

LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

ENCICLOPÉDIA DOMÉSTICA

NOVA EDIÇÃO MUITO AMPLIADA

COLECÇÃO METÓDICA DE

7.113 RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM 200 GRAVURAS

Coordenação de SEAROM LAEL

O LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sôbre todos os ramos profissionais e artísticos a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluídos conhecimentos de valia.

Obra de incontestável utilidade para tôda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

são tratados todos os assuntos que muito interessam à vida pratica, como os referentes a:

Adorno de casa — Medicina prática — Maternidade
— Mobiliário — Jardinagem — Farmácia doméstica
— Géneros alimentícios — Lavagens — Colas —
Vernizes — Higiéne — Conservas — Animais do-
mésticos — Perfumarias — Iluminação e calefação
— Couros e peles — Metais — Doçaria — Massas
e cimentos — Socorros de urgência — Lavores e
passatempos — Rendas e bordados — Tintas — Te-
cidos e vestidos — Estrumes e adubos, etc., etc., etc.

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

Um grosso vol. de 1.192 páginas, encadernado em percalina . . . Esc. 30\$00

Pelo correio à cobrança, **Esc. 33\$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA



Todas as crianças são felizes e saudáveis quando tomam a deliciosa

'OVOMALTINE'

diariamente

À venda em todas as Farmácias, Drogeries e Mercerias em 1/1, 1/2 e 1/4 de lata
DR. A. WANDER S. A. — BERNE
ÚNICOS CONCESSIONÁRIOS PARA PORTUGAL

ALVES & C.ª (IRMÃOS) — RUA DOS CORREIROS, 41-2.ª — LISBOA

À venda

AQUILINO RIBEIRO

O GALANTE SÉCULO XVIII

Textos do CAVALheiro DE OLIVEIRA

1 volume de 324 págs., broc. . . **12\$00**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Brasil	—	67\$00	134\$00
(Registada)	—	91\$00	182\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	99\$00	198\$00

Administração — Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podés acalmar as vossas dores com o

ESPECIFICO BÉJEAN



O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra

a **GÔTA**, a **SCIÁTICA**
os **REUMATISMOS**
Agudos ou Chronicos

e todas as dores de origem artritica
É o unico frasco bastado para vos convencer da rapidez da sua acção.

À venda em todas as Pharmácias
Produits BÉJEAN - Paris

MAMÃ!

Conserve-se Nova



Mães, os vossos filhos e filhas gostam que pareçais novas — os vossos maridos também. Agora, a Ciência sabe que a pele se enruga e envelhece devido unicamente ao desgaste gradual do Biocel. Este é o elemento vital que mantém a pele clara, juvenil e esplendida. Podeis encontrar este elemento vital e rejuvenescedor e, de novo parecerdes novas, por simples aplicação do novo Creme Tokalon, Cór de Rosa. Por mais estragada que esteja a vossa pele ou por mais profundo que possa ser o sinal dos estigmas da idade, ex-

perimentai, esta noite, o Creme Tokalon, Cór de Rosa. São afiançados, em quaisquer casos óptimos resultados, senão ser-vos-á restituído o dinheiro.

À venda em tôdas as perfumarias e boas casas do ramo. Se o não encontrar escrevei à Agência Tokalon — 88, Rua da Assunção, Lisboa, que vos atenderá na volta do correio.

OBRAS DE JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versões portuguesas autorizadas pelo autor e editadas, feitas pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- 1 — **Da terra à lua**, viagem directa em 97 horas e 20 minutos, tradução de Henrique de Macedo. 1 volume.
- 2 — **À roda da lua**, trad. de Henrique de Macedo. 1 vol.
- 3 — **A volta ao mundo em oitenta dias**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
Aventuras do capitão Hatteras, trad. de Henrique de Macedo:
- 4 — 1.ª parte — *Os ingleses no Polo Norte*. 1 vol.
- 5 — 2.ª parte — *O deserto de gelo*. 1 vol.
- 6 — **Cinco semanas em balão**, trad. do Dr. Francisco Augusto Correia Barata. 1 vol.
- 7 — **Aventuras de três russos e três ingleses**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
- 8 — **Viagem ao centro da terra**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
Os filhos do capitão Grant, trad. de A. M. da Cunha e Sá:
- 9 — 1.ª parte — *América do Sul*. 1 vol.
- 10 — 2.ª parte — *Austrália Meridional*. 1 vol.
- 11 — 3.ª parte — *Oceano Pacífico*. 1 vol.
Vinte mil léguas submarinas:
- 12 — 1.ª parte — *O homem das águas*, trad. de Gaspar Borges de Avelar.
- 13 — 2.ª parte — *O fundo do mar*, trad. de Francisco Gomes Moniz. 1 vol.
A ilha misteriosa, trad. de Henrique de Macedo:
- 14 — 1.ª parte — *Os naufragos do ar*. 1 vol.
- 15 — 2.ª parte — *O abandonado*. 1 vol.
- 16 — 3.ª parte — *O segredo da ilha*. 1 vol.
Miguel Strogoff, trad. de Pedro Vidoeira:
- 17 — 1.ª parte — *O correio do Czar*. 1 vol.
- 18 — 2.ª parte — *A invasão*. 1 vol.
O país das peles, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho:
- 19 — 1.ª parte — *O eclipse de 1860*. 1 vol.
- 20 — 2.ª parte — *A ilha errante*. 1 vol.
- 21 — **Uma cidade flutuante**, trad. de Pedro Guilherme dos Santos Denis. 1 vol.
- 22 — **As Índias Negras**, trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.
Heitor Servadac, trad. de Xavier da Cunha:
- 23 — 1.ª parte — *O cataclismo cósmico*. 1 vol.
- 24 — 2.ª parte — *Os habitantes do cometa*. 1 vol.
- 25 — **O Doutor Ox**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
Um herói de quinze anos, trad. de Pedro Denis:
- 26 — 1.ª parte — *A viagem fatal*. 1 vol.
- 27 — 2.ª parte — *Na África*. 1 vol.
- 28 — **A galera Chancellor**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
- 29 — **Os quinhentos milhões de Begun**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
- 30 — **Atribuições de um chinês na China**, trad. de Manuel Maria de Mendonça Balsemão. 1 vol.
A casa a vapor, trad. de A. M. da Cunha e Sá:
- 31 — 1.ª parte — *A chama errante*. 1 vol.
- 32 — 2.ª parte — *A ressuscitada*. 1 vol.
A jangada, trad. de Pompeu Garrido.
- 33 — 1.ª parte — *O segredo terrível*. 1 vol.
- 34 — 2.ª parte — *A justificação*. 1 vol.
As grandes viagens e os grandes viajantes, trad. de Manuel Pinheiro Chagas:
- 35 — 1.ª parte — *A descoberta da terra*. 1.º vol.
- 36 — 1.ª parte — *A descoberta da terra*. 2.º vol.
- 37 — 2.ª parte — *Os navegadores do século XVIII*. 1.º vol.
- 38 — 2.ª parte — *Os navegadores do século XVIII*. 2.º vol.
- 39 — 3.ª parte — *Os exploradores do século XIX*. 1.º vol.
- 40 — 3.ª parte — *Os exploradores do século XIX*. 2.º vol.
- 41 — **A escola dos Robinsons**, trad. de Assis de Carvalho. 1 vol.
- 42 — **O raio verde**, trad. de Mendonça Balsemão. 1 vol.
Kériban, o Cabeçudo, trad. de Urbano de Castro:
- 43 — 1.ª parte — *De Constantinopla a Scutari*.
- 44 — 2.ª parte — *O regresso*. 1 vol.
- 45 — **A estrela do sul**, trad. de Almeida de Eça. 1 vol.
- 46 — **Os piratas do arquipélago**, trad. de João Maria Jales. 1 vol.
Matias Sandorff:
- 47 — 1.ª parte — *O pombo correio*. 1 vol.
- 48 — 2.ª parte — *Cabo Matifoux*. 1 vol.
- 49 — 3.ª parte — *O passado e o presente*. 1 vol.
- 50 — **O naufrago do «Cynthia»**, trad. de Agostinho Sottomayor. 1 vol.
- 51 — **O bilhete de lotaria n.º 9.672**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
- 52 — **Robur, o Conquistador**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
Norte contra Sul, trad. de Almeida de Eça:
- 53 — 1.ª parte — *O ódio do Texar*. 1 vol.
- 54 — 2.ª parte — *Justiça*. 1 vol.
- 55 — **O caminho da França**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
Dois anos de férias, trad. de Fernandes Costa:
- 56 — 1.ª parte — *A escuna perdida*. 1 vol.
- 57 — 2.ª parte — *A colónia infantil*. 1 vol.
Família sem nome, trad. de Lino de Assunção:
- 58 — 1.ª parte — *Os filhos do traidor*. 1 vol.
- 59 — 2.ª parte — *O padre Johann*. 1 vol.
- 6 — **Fora dos eixos**, trad. de Augusto Fuschini. 1 vol.
Cesar Cascabel:
- 61 — 1.ª parte — *A despedida do novo continente*, trad. de Salomão Sáraga. 1 vol.
- 62 — 2.ª parte — *A chegada ao velho mundo*, trad. de Lino de Assunção. 1 vol.
A mulher do capitão Branican, trad. de Silva Pinto:
- 63 — 1.ª parte — *A procura dos naufragos*. 1 vol.
- 64 — 2.ª parte — *Deus dispõe*. 1 vol.
- 65 — **O castelo dos Carpathos**, trad. de Pinheiro Chagas. 1 vol.
- 66 — **Em frente da bandeira**, trad. de Manuel de Macedo. 1 vol.
A ilha de Hélice, trad. de Henrique Lopes de Mendonça:
- 67 — 1.ª parte — *A cidade dos biliões*. 1 vol.
- 68 — 2.ª parte — *Distúrbios no Pacífico*. 1 vol.
- 69 — **Clovis Dardentor**, trad. de Higinio de Mendonça. 1 vol.
A esfinge dos gélos, trad. de Napoleão Toscano:
- 70 — 1.ª parte — *Viagens aos mares austrais*. 1 vol.
- 71 — 2.ª parte — *Lutas de marinheiro*. 1 vol.
- 72 — **A carteira do repórter**, trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.
O soberbo Orenoco, trad. de Aníbal de Azevedo:
- 73 — 1.ª parte — *O filho do coronel*. 1 vol.
- 74 — 2.ª parte — *O coronel de Kermor*. 1 vol.
- 75 — **Um drama na Livónia**, trad. de Fernando Correia. 1 vol.
- 76 — **Os naufragos do Jonathan**, trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 1.º vol.
- 77 — **Os naufragos do Jonathan**, trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 2.º vol.
- 78 — **A invasão do mar**, trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.
- 79 — **O farol do cabo do mundo**, trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.
- 80 — **A Aldeia Aérea**, trad. de José Coelho de Jesus Pacheco. 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — R. Garrett, 73-75 — LISBOA

Companhia de Seguros SAGRES

Sinistros pagos até 31-12-1936

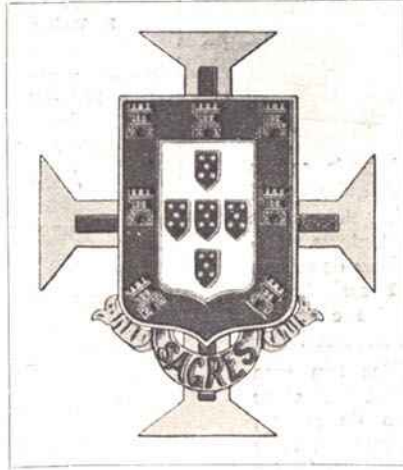
Esc. 19.048.594\$54

Seguros de automóveis,
Responsabilidade civil,
todos os riscos

CONSULTEM

A

SAGRES



Capital e reservas em 31-12-1936

Esc. 13.915.096\$56

Seguros agrícolas, Fogo,
Marítimos e Postais, Vida
em tôdas as modalidades

CONSULTEM

A

SAGRES

Companhia de Seguros SAGRES

RUA DO OURO, 191 — (Edifício próprio) — **Telef. 2 4171**

A Companhia mandará um empregado a quem o solicitar mesmo pelo telefone

COLECCÃO FAMILIAR P. B.

Esta coleção, especialmente destinada a senhoras e meninas, veio preencher uma falta que era muito sentida no nosso meio. Nela estão publicadas e serão incluídas somente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entrecho romântico sugestivo interesse, ofereçam também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma, de tudo quanto numa palavra, deve germinar no espirito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de encantos e seduções, quer desabrochada em flor após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãe de família, educadora de filhos e escriptorio de virtudes conjugais.

Volumes publicados:

M. MARYAN

Caminhos da vida
Em volta dum testamento
Pequena rainha
Dívida de honra
Casa de família
Entre espinhos e flores
A estátua velada
O grito da consciência
Romance duma herdeira
Pedras vivas
A pupila do coronel
O segredo de um berço
A vila das pombas
O calvário de uma mulher
O anjo do lar
A força do Destino
Batalhas do Amor
Uma mulher ideal
Ilusão perdida

SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias

Cada vol. cartonado . . . **Esc. 8\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Um grande sucesso de livraria

À VENDA A 8.ª EDIÇÃO

FÁTIMA

GRAÇAS * SEGREDOS * MISTÉRIOS

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

Um volume de 378 páginas, brochado,
com capa a côres e oiro **12\$00**
Pelo correio à cobrança **13\$50**

Pedidos aos editores:

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



Que nos importa, se nos podemos defender dele?! Aos primeiros sintomas de mal-estar: tonturas, abafamento e dores de cabeça, toman-se 2 comprimidos de Cafiaspirina e todo o mal-estar desaparece.

A Cafiaspirina tem uma influência favorável sobre a circulação do sangue, reprime as congestões do mesmo e restitue o bem-estar. Pode ser tomada a qualquer hora, porque é completamente inofensiva para o organismo.

Cafiaspirina

o produto de confiança.



Prémio Ricardo Malheiros

MIRADOURO

TIPOS E CASOS

POR ANTERO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS:

O capote do Sr. «Mariquinhas»—Apêgo à Dôr—Dr. Mendes «Gira»—Feira de Ano—Lúcia—Um sobretudo de respeito!—A paz do Lar—Uma espada... em bainhada!—O Barboza de Sejins—O Morgado de Sabariz.

1 vol. de 320 págs., broch. . . 12\$00 enc. . . 17\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75—LISBOA



Dr. Bengué, 16, Rue Ballu, Paris.

BAUME BENGUÉ

Apr. D. S. P. em 03/11/1900 n.º 28

RHEUMATISMO-GOTA NEURALGIAS

Venda em todas as Pharmacias

SENSACIONAIS REVELAÇÕES CIENTIFICAS
RESULTANTES DE PROFUNDAS
INVESTIGAÇÕES

**Estudos sôbre Quirologia,
Metoposcopia e Astrologia**

Segundo os métodos modernos do Prof. FANNY LORAINÉ

Curiosas divulgações sôbre o Destino. A vida do homem está escrita nas linhas da mão, definida pelas rugas da testa e regulada pelas influências astrais



A quirologia é uma ciência, e como tôdas as ciências, está baseada em verdades positivas, filhas da experiência e que portanto, por serem demonstráveis, são indiscutíveis.

Conhecimento dos caracteres dos homens por meio dos vários sinais da testa. As sete linhas da fronte.
As raízes da Astrologia. A lua nos signos do zodíaco.

Nesta interessantíssima obra qualquer pessoa encontra nas suas páginas o passado, o presente e o futuro.

1 vol. broc. de 186 págs., com 8 gravuras em papel couché e 21 no texto, Esc. 10\$00, pelo correio à cobrança, Esc. 12\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**—Rua Garrett, 73—LISBOA

À venda

SAMUEL MAIA

**ÊSTE MUNDO
E O OUTRO**

O outro mundo—Arca de Noé—Êste mundo de agora (1930)—Tempo de 1932—Tempo de 1935—Tempo de 1936—Juízo final

1 volume de 298 págs., brochado . 12\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75

LISBOA

PROPRIEDADE
DA LIVRARIA
BERTRAND

REDACÇÃO E
ADMINISTRA-
ÇÃO: RUA AN-
CHIETA, 31, 1.º
TELEFONE: -
2 0535

N.º 281 - 12.º ANO
1-SETEMBRO-1937

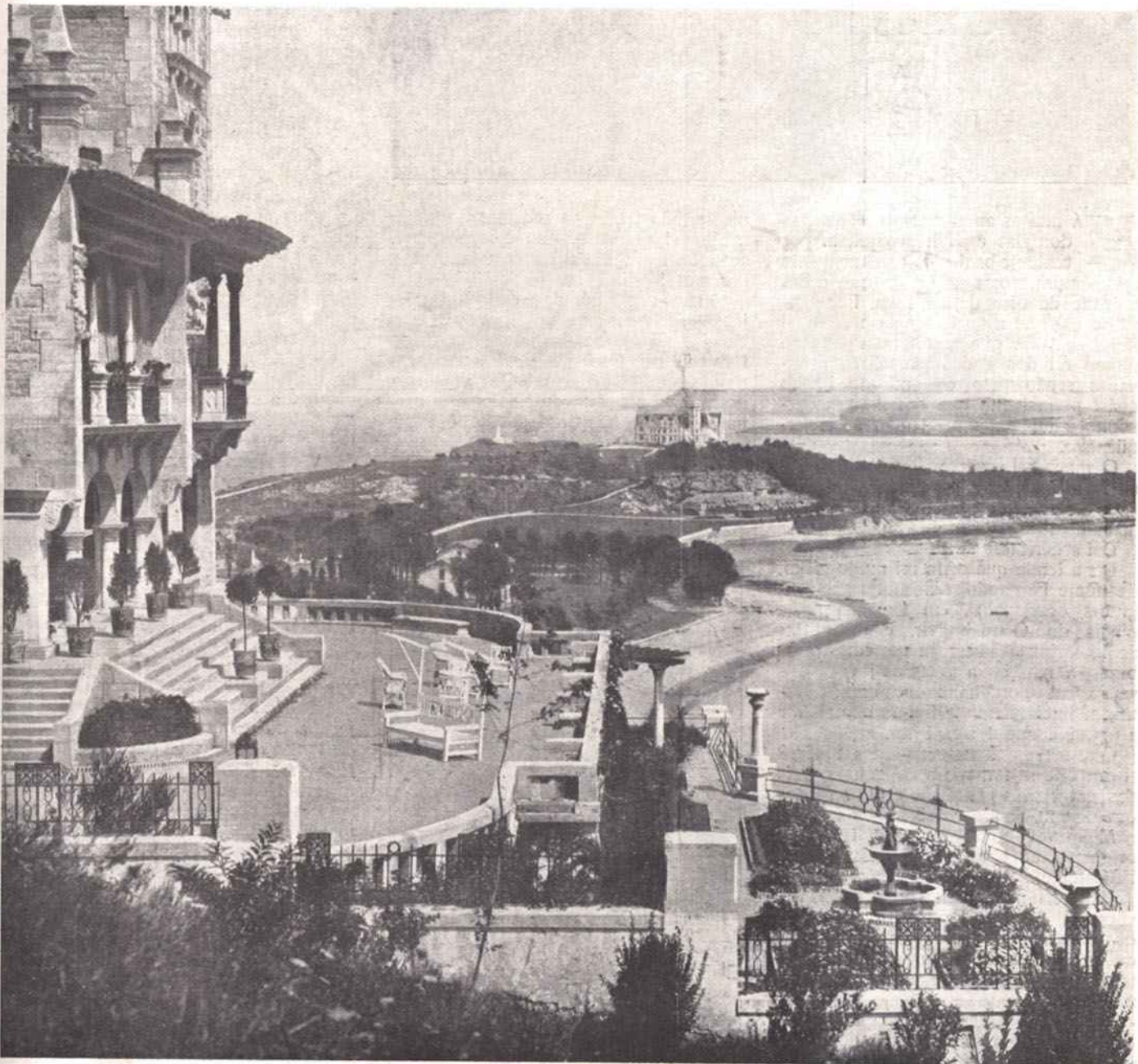
ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

SANTANDER — A MAGNÍFICA



MAIS uma conquista das tropas nacionalistas — a cidade de Santander. A gravura acima apresenta um pitoresco trecho da baía, vendo-se a península da Madalena e o antigo palácio real de tão belas tradições. Esplêndida conquista! Ao cabo de grandes esforços, San-

tander tornou-se uma das mais belas cidades de Espanha, podendo dizer-se que comparticipa com San Sebastian e Bilbao da supremacia urbana do Norte espanhol. A Natureza, magnificamente generosa, dotou Santander das mais belas paisagens, das mais surpreendentes perspectivas e

das melhores condições climáticas. Ponderando estas excelências naturais, o espírito empreendedor e progressivo dos santanderinos conseguiram fazer da sua cidade uma urbe moderna e sumptuosa, recreio dos próprios e admiração dos estranhos.



Há muitos anos, mesmo séculos, as donzelas espanholas tinham por costume banhar-se castamente nas ondas murmurasas do Guadalquivir. Era a idade de ouro da Espanha. Pode dizer-se até que a terrível guerra e a mal ferida batalha que custaram a vida ao último rei dos godos não foram originadas senão pelo costume do banho quase permanente que o belo sexo espanhol adoptara, sem atender às consequências.

O moço rei surpreendeu, um dia, Lucinda, a Cava, tal como sucedera a David com Bethsabé, e sentiu-se de tal modo apaixonado que enlouqueceu.

Dai a derrota. Diz a lenda que certo rei muito sábio, de nome Fernando, reflectindo nas desgraças ocasionadas em Espanha pelas ninfas do Guadalquivir, e de outras águas visinhas, publicou um édito proibindo a natação a todas as jovens dos seus estados, ordenando-lhes que se vestissem inteiramente, a fim de não alterar a tranqüillidade dos espíritos.

Que seria das desventuradas ninfas? Em que se tornaria a Espanha, o país das galantarias adoráveis e das miradas que matam, dando vida?

Maldito édito! Para evitar um mal, originava uma verdadeira calamidade! Felizmente a Providência velava... Jacinta, filha de um conde sevillhano, era uma das que banhavam as tranças dos cabelos pretos nas ondas do Guadalquivir. O édito do rei privára-a, como a tantas outras, dos usos a que tanto queriam, e, como todas as suas irmãs encantadoras, recolhera-se num gabinete de tocador, muito escuro, para desafogar livremente as suas mágoas.

Mas, quando se é moça, formosa e espanhola, em breve o carpir produz enfado. O desejo de agradar é fortíssimo estimulante, que expulsa do fundo de seus retiros, mesmo as mais rebeldes.

Jacinta cessou, pois, de gemer, e pensou. Logo que a mulher aborrecida pensa, é que lhe chegou o termo do aborreci-

mento. São tantos os recursos do génio feminino! O nosso, que é mais nobre, segundo nós todos dizemos, é bem mais indigente!

— Havia sem dúvida — dizia Jacinta — inexauríveis encantos naqueles exercícios de ninfas, à sombra dos jasmims do nosso formoso rio. Que de castas conquistas uma só noite me dava! Que ventura a de ouvir o concerto de elogios que partia das duas margens! Quão doce me



GRAÇA DE A lenda da

era regressar à cidade ao anoitecer acompanhada por serenatas e côros que celebravam a minha beleza!

E, dizendo estas coisas, fazia girar uma lança-deira em um tear, e compunha distraidamente um tecido finíssimo com fios de algodão tintos em essência de ébano. Não sabia ao certo o que fazia; mas enfim, é indispensável que cada um se distraia como puder, quando não tem já distrações. Jacinta encetára aquele trabalho outrora antes da publicação do decreto do príncipe contra os exercícios de natação, e fôra uma idéa de garridice a que lhe fizera pegar na lança-deira; porque não há senão este defeito encantador que seja capaz de vencer a teimosa preguiça de uma mulher de Sevilha, e até de muitas de outros países. A sua idéa era a seguinte: "Como não será encantador ao sair das águas do Guadalquivir, cobrir-me toda com este tecido de malhas! E uma surpresa que reservo às minhas companheiras. O marfim e o ébano combinam-se tão bem!"

Quando Jacinta concluiu o seu trabalho, soltou um fundo suspiro, como faria diante de um trabalho perdido. No fim da galeria do conde seu pai, havia uma bela estátua antiga, uma irmã mais nova da Vénus de Praxiteles. Jacinta olhou para todos os lados, escutou, procurou, e achando-se só na galeria, só com os quadros e as estátuas de mármore, pegou sorrindo, no seu trabalho, desdobrou-o em toda a largura, e, subindo a um escabelo, cobriu com a tênue rede a estátua antiga, fixando-lhe uma das malhas na frente, na divisão dos anéis dos cabelos, de sorte que o rosto lhe ficava maravilhosamente emoldurado pelas negras pregas, e de todo o corpo oculto denunciando-se apenas pelo rosto do véu, Jacinta desceu do escabelo para apreciar de longe o efeito daquela toilette de estátua. A galeria recebia a luz do tecto, uma luz favorável e sempre misteriosa.

O mármore da estátua tinha-se encarnado; sobre o pedestal resplandecia a vida. Com que graça divina aquela filha de Praxiteles se sorria na sua moldura tecida! Como todos os delicados contornos do corpo se revelavam amorosamente através daquele véu! Jacinta bateu as palmas para se aplaudir à si mesma, e exclamou:

— Ah! como eu ficaria bela assim! Depois de ter dado suficientes largas à própria admiração, despojou a estátua do véu, que tanto lhe embelezava a nudez radiante, e cobriu-se com ele para assim se admirar em um grande espelho de Veneza. Então soltou um grito de felicidade que fez estremecer a estátua do pedestal! Jacinta achou-se mais do que adorável; os seus olhos pretos luziram como duas estrelas sob o manto da deusa da noite; a cutis iluminara-se-lhe de sa-

ESPAÑHA

mantilha

borosa frescura; o corpo desenhava-se-lhe com graça tal como nunca tivera, nem depois dos exercícios no Guadalquivir.

À frente de Jacinta subiu no mesmo instante a febre da garridice. Um dia de demora teria sido um século; porque se há de perder um século quando se é jovem? Era indispensável deslumbrar Sevilha sem a menor demora, imediatamente. Quando uma espanhola forma um projecto, não há para ela dia seguinte.

Naquela mesma tarde, à hora em que o sol iluminava horizontalmente os rubis das romeiras, e as estrelas de marfim dos jasmims, pediu Jacinta a sua mãe que a acompanhasse às áreas de acácias, onde o povo e a nobreza passeavam habitualmente. A mãe, que vivia aflita por ver a tristeza de sua filha, desde que apparecera o édito do rei contra as ninfas, alegrou-se, enfim, vendo-a risonha, e aceitou pressurosa o convite do passeio às áreas de acácias.

Jacinta adornou-se, segundo o uso do seu tempo, com enfeites vulgares e modestos. As fábricas de Lyon, de Manchester e Dublin, não existiam ainda. Um vestido simplicíssimo, ou, para melhor dizer, uma túnica de algodão avermelhado, pouco justo na cintura por causa da ausência da colete moderno, e nada mais. Felizmente Jacinta era tão perfeitamente esculpturada pela natureza, que o seu corpo divino sabia corrigir de modo admirável todas as imperfeições do vestuário. No momento de sair de casa, desdobrou Jacinta o seu grande véu de pequeninas malhas, e envolveu-se voluptuosamente nêle, como faz o horizonte celeste, no verão, depois de posto o sol.

A mãe encarou a filha, e juntou as mãos como na presença de uma *Madona*; nos olhos transparecia-lhe o êstasi.

— Minha querida filha — exclamou ela — quem te fez tão belo presente? —

— Eu, minha mãe — disse Jacinta, voltando-se nos bicos dos pés, como uma dançarina moderna.

— E' obra tua, filha? —
— Sim, minha boa mãe, é obra minha.
— Ó filha! que fadigas isso te custaria!
— Um ano de trabalho, minha mãe.

— Um ano! Jesus! tua mãe nunca trabalhou sequer um dia! Vales mais do que eu!

— Não o creia, minha mãe; valho menos, e foi por isso que fiz este trabalho: um capricho!

— Como te fica bem, minha Jacinta! Não me canso de te admirar! És a adorável assim!

— Acha, minha mãe?
— Donde copiaste tu esse ornato?
— Inventei-o.
— E que nome dás a isso, filha?
— Ah! minha mãe, o baptismo é depois do nascimento. Não lhe dei nome

ainda. Quer ser madrinha deste filho do meu espirito? Pois então dê-lhe o nome... um nome bem escolhido...
— Não é difícil...
— Uma vez que os castelhanos usam manta, é justo que as castelhanas usem mantilha.

— É isso! é isso! — disse Jacinta pulando de alegria. — É uma mantilha! Fiz uma mantilha! É um nome encantador! Obrigada, madrinha!

Jacinta abriu a porta, e dando o braço a sua mãe, saiu.

As duas espanholas caminhavam com passo triunfante; a mãe, principalmente, sentia-se altiva como a mãe de Cristóvão Colombo, ou de Fernando Cortez; Jacinta fizera uma descoberta bem mais preciosa do que a América e o México; descobrira a mantilha! Era uma revolução para a Espanha! A mantilha ia enxugar as últimas lágrimas que a batalha do Guadalquivir e a queda do último rei dos godos tinham feito derramar. Jacinta appareceu dentro em pouco nas áreas das acácias, e foi saudada como o sol nascente, sob as colunatas do templo de Quito, pelos adoradores do astro rei.

A mocidade de Sevilha, que andava toda passeando com a sua habitual indolência, agitou-se e ondulou por debaixo do arvoredo, como rio encapelado pelo tufo. Felizmente, por aqueles tem-



pos, já a galanteria espanhola impunha sérios deveres aos homens; ninguém se aproximou demasiadamente de Jacinta; A multidão conteve-se em distância, formando respeitoso circulo em volta da mantilha.

A jovem conservou-se assim, senhora de todos os seus movimentos, e aproveitou a situação para dar novo brilho à elegância duma sevillhana; os seus olhos não fitavam coisa alguma, para deixarem aos olhos dos outros liberdade de contemplação. No modo de andar assumiu um caracter de majestade voluptuosa, que nunca fôra revelado por uma túnica de algodão; os seus movimentos, apropriados ao caso, annunciavam já a aurora desses passos espanhóis, que o som enervante das castanholas deviam fazer surgir em Castela e Aragão para embriaguez dos sentidos e encantos dos olhos.

A mãe triunfava com o bom êxito da mantilha sua afillada, e não se iludia, presumindo que esse adorno, tão graciosamente inventado, devia atrair a sua casa algum rico pretendente à mão de sua filha.

A mantilha de Jacinta tornou-se traje nacional do belo sexo, e foi origem de inumeráveis hímeneus. Casava-se por toda a parte entusiasmadamente, podendo mesmo afirmar-se que a mantilha preencheu, em breve, as falhas produzidas na população pela batalha do Guadalquivir. O país foi repovoado.

Quantos prodígios a alma dum povo pode realizar, quando se baseia nas tradições que sempre possui!

NOTÍCIAS DA QUINZENA

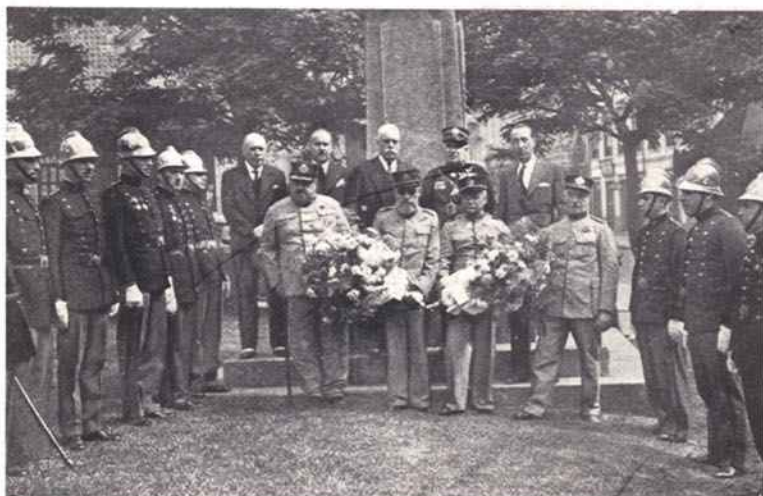


Pela primeira vez em Portugal se brevetaram pilotos aviadores praças de pré. Na Escola Militar de Aeronautica de Sintra prestaram ha dias as suas últimas provas 14 oficiais e 31 cabos. A nossa gravura representa um grupo dos novos oficiais aviadores. As asas portuguesas fortalecem-se, dia a dia, mostrando ao Mundo que o fôlego prodigioso do arcaboço que sulcou triunfantemente mares nunca dantes navegados arfa cada vez mais forte, subindo a alturas portentosas. Se fômos os primeiros a atravessar o Atlântico em naus aventureosas, fômos também os primeiros a atravessá-lo por via aérea.

— *A' direita:* o sr. ministro do Interior e governador civil de Lisboa durante a missa de sufrágio por alma do tenente coronel João Luis de Moura na igreja de S. Domingos



Um aspecto da assistência ao espectáculo de gala cinematográfico realizado no Casino-Estoril para apresentação em «avant-première» do filme «Maria Papoila». O Chefe do Estado e sua Esposa dignaram-se honrar a festa com a sua presença. O filme «Maria Papoila» é uma eloqüente revelação do progresso constante da indústria cinematográfica portuguesa e mais um indiscutível triunfo do talentoso realizador Leitão de Barros



Os antigos companheiros do glorioso bombeiro Guilherme Gomes Fernandes na sua homenagem ao saudoso comandante junto do monumento no Porto.

— *A' direita:* um aspecto do «Dia do Bombeiro», vendo-se estes abnegados heróis rendendo homenagem junto do coval dos seus saudosos mortos

A CATEDRAL DE REIMS

SURGIRÁ, DENTRO DE POUÇOS DIAS, COMPLETAMENTE RESTAURADA

DENTRO de poucos dias, a formosa catedral de Reims, que tanto sofreu durante a Grande Guerra, surgirá completamente restaurada, graças a generosidade de Mr. John D. Rockefeller, filho.

Este acontecimento deve encher de júbilo todos os bons franceses, amigos da sua pátria e devotos fervorosos das tradições mais gloriosas, visto que sob as abóbadas deste majestoso templo foram coroados mais de trinta soberanos da França.

Como é sabido, durante a Grande Guerra, a catedral de Reims esteve constantemente sob o fogo da artilharia alemã, à semelhança dum forte expressamente construído para deter o avanço do invasor.

Apesar das precauções adoptadas, revestindo a fachada com sacos de areia, muitas das preciosas estátuas que ali se encontravam foram mutiladas.

Após o armistício, Mr. Rockefeller, a cuja generosa magnificência a França tanto devia já, pensou em restaurar essa maravilha arquitectónica. E, se bem o pensou, melhor o fez, sem olhar a despesas como, de resto, é uso e costume deste filantrópico arquimilionário.

Os trabalhos de restauração começaram em 1919, sendo o tecto, quasi completamente destruído, o primeiro a ser reparado. Após esta primeira restauração, passou-se à fachada, à sacristia, aos altares, às torres, etc.

O município de Reims patenteou a sua gratidão ao generoso milionário, dando-lhe o nome das ruas da cidade.

A catedral de Reims, de que os franceses tão justificadamente se orgulham, levou duzentos anos a construir.

Sobre as ruínas espalhadas pelo terrível incêndio de 6 de Maio de 1210, que devastou a cidade, foi lançada a primeira pedra do actual edifício. Jean d'Orbais forneceu os planos de toda a igreja, tendo construído a maior parte do coro no que foi acabado trinta anos depois por Jean le Loup que terminou igualmente o transepto e começou o pórtico setentrional. Seguiu-se Gaucher de Reims que dirigiu a obra durante oito anos, e a este, Bernard de Soissons

que fez a nave e a rosácea do grande pórtico. Veio, seguidamente Robert de Coucy que morreu em 1311, tendo trabalhado no grande pórtico já muito adiantado pelos seus predecessores. Sucederam-lhe mestre Collard, Gilles, Jean de Dijon, Colard de Givy. As torres da parte ocidental (medindo 81,50) foram acabadas em 1480, salvo as suas flechas que deveriam dar à catedral uma altura de 120 metros, e que durante anos e anos apenas mostraram os lugares onde deveriam ser colocados os sinos.

Em 24 de Julho de 1841 um pavoroso incêndio destruiu quasi completamente o edifício. As reparações deste sinistro absorveram todos os recursos com que se contava para o acabamento normal da catedral.

Vem a propósito dizer que este maravilhoso edifício teve outras reparações nos séculos XVII e XVIII e durante a primeira metade do século XIX.

Quando da declaração da Grande Guerra estavam sendo efectuadas reparações importantes em vários pontos, especialmente na nave, tendo sido infelizmente modificado o seu primitivo risco.

Como ficará agora? Terá sido seguido o desenho de Jean d'Orbais que, lutando com as deficiências do século XIII teve de enfrentar os mil e um invejosos que já então havia, tal como hoje?

Éis o que seria interessante. Hoje, a catedral ocupa uma superfície de 146^m,40 de comprimento por 60 de largura.

Não devemos esquecer que foi construída no próprio local onde se elevava a capela onde Clovis fora coroado pelo bispo Remigio.

Carlos Magno recebeu ali também a sua sacralção.

Assim, o majestoso templo ter mantido durante séculos o seu privilégio de coroação de soberanos.

Quando um francês se refere ao impenetrável rigor que os ingleses põem na coroação do seu rei, observando fielmente a tradição, não tem o direito de o achar excessivo. Em 1824 os seus avós fizeram o mesmo na coroação de Carlos X, na catedral de Reims que era a Westminster francesa.

Depois, terminou-se o costume para ficar a tradição. O certo é que, decorrido mais de um século, o povo francês, embora orgulhoso da sua Revolução e do fim que deu à dinastia dos Capetos, venera cada vez com mais entusiasmo a catedral gloriosa, em cujas abóbadas parece ecoar ainda a voz potente do rei Clovis prestando o seu juramento de soberano.

Na hora própria, quando o coração da Pátria sangrava aos terríveis golpes do invasor, a catedral gloriosa, num verdadeiro prodígio, enfrentou o inimigo com a maior firmeza, dando a todos os franceses o mais eloquente exemplo.



A Catedral de Reims em pleno século XIX

Dir-se-ia que os santos da fachada se transformavam em combatentes e que dos seus nichos faziam trincheiras intransponíveis.

Pois, dentro em poucos dias, a catedral de Reims vai surgir completamente restaurada.

Voltará a guerra a mutilar-lhe a formosíssima fachada? Tudo é possível. No entanto, o majestoso edifício não ruirá, por mais violentos que sejam os ataques que receba. A semelhança da fenix renascera sempre das suas próprias cinzas. Sob as abóbadas da catedral de Reims continuarão a soar hinos patrióticos como nos belos tempos do saudoso rei Clovis.



A Catedral de Reims após a Grande Guerra



Princípio de um dos pórticos da Catedral de Reims



Paulina Bonaparte

AMAR, amar sempre, intensamente; loucamente, sensualmente, delirar de paixão, hoje nos braços de um, amanhã nos braços de outro, esgotar até à última gota a taça de ouro da mocidade, transformar, enfim, a existência num verdadeiro poema anacreôntico, tal foi o lema que toda a vida seguiu essa ardente flor de volúpia que se chamou Paulina Bonaparte.

Algumas palavras bastam para definir a psicologia da grande amorosa sobre cuja alabastrina fronte a glória das águas napoleônicas colocou um diadema de princesa.

Paulina Bonaparte, a formosíssima irmã do corso imortal nasceu tarde de mais. Não era em Paris, na sociedade do primeiro quartel do século XIX que ela devia ter vivido, mas em Roma, na antiga Roma dos palácios de mármore, dos templos brancos e dos jardins povoados de estátuas, em que a existência, sob a égide do manto de púrpura dos Cesares e da túnica de ametista das imperatrizes, decorria numa incessante festa dionisíaca.



Paulina Bonaparte — estátua de Canova

No corpo da fascinante princesa Bonaparte incarnara a alma duma dessas belas romanas da decadência, que passavam no Forum em sumptuosas liteiras levadas aos ombros de atléticos escravos bêtinos, sorrindo aos seus patrícios adoradores, que assistiam, coroados de rosas e semi-nuas, nas suas túnicas de diáfana musselina, aos ágapes imperiais do Palatino, languidamente reclinadas nos leitos dourados junto do amante preferido e que tomavam parte nos báquicos festins organizados por Tigelino do lago Agripa. Também, como elas, comoensual exaltada que era, a irmã de Napoleão, resumia a sua razão de existir no amor, apenas no amor, exclusivamente no amor, e, nor isso mesmo, obedecendo a esse princípio, a sua vida não foi mais do que um longo e delirante hino a Vênus Afrodita...

Todavia — contraste, ou ironia do destino verdadeiramente surpreendente! — nada no físico dessa mulher de fogo, que dir-se-ia herdeira das paixões de Messalina e de Lucrecia Borgia, revelava a lasciva bacante que havia nela. A História assegura-nos que, tanto numa como noutra, das duas já citadas rainhas da orgia, o corpo era o perfeito espelho de alma, mas, como por um estranho capricho da Natureza, com Paulina sucedera de um modo diametralmente oposto. Nem as formas exuberantes e provocadoras da imperatriz Messalina, nem os afrodisíacos e perversos encantos da duquesa Lucrecia Borgia, a caracterizavam. A jovem corsa possuía o tipo de beleza, sereno, casto, fino, espiritual, dessas patricias florentinas, contemporâneas das Médicis, que Sandro Boticelli tão admiravelmente retratou nas figuras de Madona dos seus quadros sacros.

Era esse género de formosura dum quasi imaterial encanto, que a princesa evocava com o seu rosto clássico, duma inexcitável pureza de traços, a marmórea palidez da sua pele, onde as veias se desenhavam azuladas, os seus olhos sombrios repletos duma suave melancolia e duma doçura capaz de enternecer o coração mais duro, os seus niveos dentes semelhantes a uma enfiadura de pérolas, e os seus cabelos negros que o sol parecia azular como faz à plumagem dos corvos.

É assim que Paulina nos aparece, divinamente bela e espiritual, no retrato — obra prima de pintura do museu de Versalhes — em que Lefebvre transmitiu à posteridade a imagem dessa maravilhosa beleza.

Toda ela parece respirar uma graça ingénua, tímida, virginal, direi mesmo, um perfume de virtude e de pudor...

Julgar-nos-íamos na presença duma jovem pura como a

NÊVOAS DO PASSADO

O grato Adónis da Vénus Bonaparte

neve das montanhas, imaculada como um arminho, casta como uma vestal, um lírio entre os lírios, incapaz de conceber fantasias exaltadas, de ter um desejo menos digno, de se deixar arrastar pela violência das paixões.

Alma de bacante em corpo de virgem de altar, diria um psicólogo. Canova, o célebre escultor italiano, foi o único dos artistas que nos deixou uma obra, imagem fiel da étnica mentalidade da ardente amorosa. Quando a chamaram para executar uma estátua da princesa imperial, isto é, para imortalizar com o sortilégio do seu incomparável cinzel, em que parecia reviver a centelha de Scopas e de Fidias, os encantos da nova Frineia, condenados a perecerem, um dia, Canova decidiu, não só reproduzir fielmente o físico do modelo, mas também procurar vincar bem nítida essa mentalidade paça, a fim de que alguma coisa mais do que o exterior, um pouco de espírito, um reflexo da alma, ficasse materializado no mármore da sua obra.

Já que a princesa era a nova Frineia, porque não havia ele — pensou o grande mestre — de proceder com ela, como Praxiteles, fizera com a cortezã ateniense, isto é, despojá-la dos seus pesados trajos da corte para que o seu corpo, branco como a neve, rijó como o alabastro, surgisse, na sua triunfante nudez, e ele podesse modelar aqueles ombros admiravelmente lançados, aqueles seios túmidos e firmes, semelhantes a uma taça de harmonias na sua curva airosa, aqueles braços robustos e flexíveis de ninfa helénica e aquela cabeça sublime?

Paulina foi ao encontro dos desejos do escultor, e assim se executou o célebre estátua de *Vénus Vitoriosa* que está na memória de todos os escultores da Arte.

Pena é que Anacreonte já há muito tivesse deixado o mundo pelos Campos Elysios, pois a vida amorosa da Vénus Bonaparte inspirar-lhe-ia um poema de inúmeros cantos...

Contudo, por maior número de homens que passem na existência duma mulher, há sempre um único que marca, que domina, que nunca esquece, que é, numa palavra, o único verdadeiramente amado. Na vida amorosa de Paulina Bonaparte houve também esse homem fatal: foi o jovem coronel de hussardos, Júlio de Canouville.

Estava-se no tempo em que a França vivia uma maravilhosa epopeia de glória, em que, como então se dizia, "cada oficial tinha na sua cartucheira um bastão de marechal", e, devido às frequentes promoções por distinção, que, depois da vitória, eram concedidas, Canouville, apesar do elevado posto que ocupava na *Grande Armée*, ainda não contava trinta

anos. O sangue frio admirável, que nunca o abandonava, quer nas recepções do palácio imperial, quer nos campos de batalha, abaixo de fogo inimigo, e a louca e impetuosa bravura com que, à frente do seu regimento, se lançava sobre os austríacos, os prussianos e os russos, haviam atraído para ela o olhar de água de Napoleão, que o fizera ascender rapidamente e lhe reservava um brilhantíssimo futuro. Porém, Canouville não se limitava a distinguir-se unicamente pelas suas magníficas qualidades de cabo de guerra e pelos seus feitos gloriosos. O moço coronel era um *dandy*, árbitro das elegâncias do exército e um espirituosíssimo conviva — rei dos salões de Paris. Tinha, apesar da sua má cabeça, um coração de ouro, e — qualidade essencial para a voluptuosa Paulina — possuía uma dessas másculas, sedutoras e irresistíveis belezas que tantas fogueiras acendem nas imaginações femininas.

Bonito, ardente, zombeteiro, brilhante, Canouville, era o protótipo desses *sabreurs*, heróis de guerra e de amor, pertencentes ao estado maior do general Berthier, que tinha fama, aliás merecida, de causar devastações entre as damas da



Paulina Bonaparte, por J. F. Bosio

corte imperial. As mulheres rodeavam-no, festejavam-no, disputavam-no, seduzidas pela sua ardente mocidade, pela sua ânsia amorosa e até pela sua brutalidade de hussardo...

— É um homem! — exclamou Paulina entusiasmada, na noite em que o conheceu, no decorrer dum baile de máscaras. Temerário, violento, impetuoso, um verdadeiro filho de Belona! Finalmente encontrei um homem!

E, desde esse instante, a princesa amou-o, não só veementemente, apaixonadamente, sensualmente, mas, como nunca até ali havia amado, com todo o seu coração, com toda a sua alma, dum afecto em que o espírito e a matéria se conjugavam em unísono.

Foi a mulher, e não a princesa imperial, irmã de Napoleão, que Júlio de Canouville, ao contrário de muitos outros, amou em Paulina. Desejaria antes que ela fosse bem pobre, bem humilde, bem obscura, para ser ele e dar-lhe tudo, a poder provar-lhe, preferindo-a, mesmo assim, às ilustres damas das Tulherias, o grande e verdadeiro afecto que lhe consagrava.

Durante meses viveram os dois exclusivamente um para o outro, esquecidos de tudo, entregues ao seu ardente sonho de amor...

Nas caçadas, o elegante coronel seguia constantemente a princesa; nos bailes, a ele apenas cabia o direito de conduzir esse maravilhoso corpo ao ritmo lânguido e suave das inebriantes valsas vienenses; nos passeios de carruagem, pelos arredores de Paris, era ele, ainda ele, o querido e indispensável companheiro...

— Positivamente — segredava-se na corte, entre risinhos maliciosos e significativos — Sua Alteza Imperial a princesa Paulina, duquesa soberana de Guastella roubou ao marechal Berthier o coronel de Canouville, seu ajudante de campo para o tomar ao seu serviço. Que dirão imperador se soubesse?

Mas a estouvada Paulina, *cœur d'ange, mais cervelle d'oiseau*, como alguém disse a seu respeito, estava decidida a imitar Catarina II na publicidade dos seus amores, e, longe de se ocultar, patenteava bem clara a ternura que sentia pelo jovem Canouville.

Ninguém em Paris ignorava as relações que existiam entre a formosa princesa e o



Paulina Bonaparte, por F. Kinson

belo hussardo... a não ser Napoleão. Em 1811, numa maravilhosa tarde de primavera em que o próprio corpo esplendidamente azul, parecia tomar parte na festa, o imperador passava revista à sua guarda, na praça do Carroussel.

Das janelas do palácio das Tulherias, debruçavam-se as princesas da família imperial, as marechais, as generais, as damas da corte, todos os grandes nomes da moderna e antiga nobreza, numa palavra, enfim, as mais lindas mulheres de Paris.

Napoleão apareceu seguido do seu Estado Maior, imediatamente, após ele, Duroc, o grande marechal do palácio, com a Casa Militar; à frente da Guarda, o Marechal Bessières com os seus ajudantes de campo e oficiais de serviço; de frente do imperador, Berthier, Príncipe de Neuchâtel, Major General do Exército, também com os seus ajudantes, entre os quais o coronel Canouville, favorito da princesa.

A parada decorria como de costume, quando se deu um pequeno incidente, que veio revelar ao côrso o romance que havia entre Paulina e o gentil coronel...

O cavalo de Canouville, um magnífico puro sangue, tão ricamente ajezado como o corcel dum príncipe do Oriente, mas demasiado vivo para tomar parte numa revista, enervou-se e principiou a empinar-se e a recuar. Todos olhares convergiram para o coronel e sua montada.

Júlio de Canouville era um cavaleiro admirável e, passados momentos o fôgo animal, depois de ter feito os maiores esforços para o cuspir da cela, estava completamente dominado.

Napoleão, que não perdera de vista a cena, querendo saber a quem pertencia o cavalo que ia causando desordem num esquadrão que, de ordinário, manobrava duma forma tão impecável, meteu a galope, e aproximou-se.

Com o seu olhar frio como o aço e agudo como a lâmina dum punhal, o imperador mediu, dos pés à cabeça o jovem coronel. Tudo nêle, desde os arreios do cavalo, opostos àquêles que os regulamentos militares prescreviam, até ao uniforme de hussardo, duma elegância espantosa, que mais parecia um costume de fantasia de que uma farda oficial, lhe desagradou por completo.

— Mas que fazer? — murmurou o corso para consigo — se o primeiro a dar o exemplo destas detestáveis mascaradas é o meu cunhado Murat!

O imperador ia já a retirar-se sem ter formulado uma única censura, quando a pele que guarnecia a magnífica peliça de Canouville lhe atraiu a atenção. Os raciocínios e conclusões sucederam-se no seu espírito com uma rapidez vertiginosa.

A peliça estava enfeitada de murta zibelina... Ora, ninguém em França podia ter aquelas peles, visto os samoyedes que eram obrigados a pagar os seus tributos ao imperador da Rússia em martas zibelinas, nem a pêso de oiro venderiam uma única dessas peles... Apenas êle, possuía uma que lhe oferecera o czar Alexandre I, e a princesa Paulina outra, proveniente da mesma origem... Onde teria, pois, Canouville obtido a sua?

De súbito, um raio de luz iluminou Napoleão.

Aquêles homem era amante de Paulina, e fôra ela sem dúvida que lhe dera a sua pele de marta zibelina para guarnecer a peliça do grande uniforme...

— O que estariam a êsse hora — cogitou amargamente Bonaparte — dizendo os panfletos ingleses e austríacos que, todos os dias, inventavam uma nova a seu respeito, daquelas relações irregulares?!

E êle, que tanto desejava desmentir essas calúnias, mantendo uma correção absoluta de costumes na sua côrte e uma austera moralidade nas pessoas da fami-

lia imperial, via-se deshonrado por um dos seus próprios oficiais!

Oh! Era preciso sufocar aquêles escândalo, afastando o galã imediatamente de Paris.

— Coronel de Canouville — exclamou, por fim, com o mais cínico dos seus sorrisos — o seu cavalo é demasiado fogaço para tomar parte numa parada. Vai amansá-lo para a Rússia, ou para a Espanha, donde espero, que tanto êle como o senhor voltarão mais calmos...

Nessa mesma noite, apesar das lágrimas de Paulina, que fez — diz-se — uma cêna terrível ao irmão, Canouville, encarregado de levar umas mensagens a Massena, tomava o caminho de Espanha.

— Não chores, meu amor — disse êle beijando as mãos da sua princesa — reventando uma dúzia de cavalos, e galopando, dia e noite, mesmo pelo território ocupado pelo inimigo, estarei de volta dentro de quinze dias.

E, se bem o prometeu, melhor o cumpriu; mas, ao chegar a França, depois de ter arriscado cem vezes a vida para cumprir a promessa que fizera à sua bem-amada, recebeu ordem de partir novamente para Espanha, e só conseguiu regressar ao seu paiz, quando, ferido no combate de Fuentes Oñoro travado com os portugueses, veio convalescer para o Meio-Dia.

Paulina foi reúinir-se-lhe, e longe do terrível Argus, viveram os dois umas deliciosas semanas de amor e felicidade.

Mas Napoleão soube de tudo, e nos



Um dia de revista nos tempos do Império

primeiros dias de Novembro, chegou uma ordem de marcha mandando apresentar o coronel de Canouville no regimento de caçadores 2, aquartelado em Dantzig.

Disseram-se adeus, um terno e suavíssimo adeus orvalha de lágrimas dolorosas, e Canouville partiu.

Nunca mais se tornaram a ver. Só longe, nas solitárias estepas da Rússia, cobertas dum alvo sudário de neve, onde apenas se ouvia o terrível uivar dos lobos e o sinistro crocitar dos corvos, o infeliz rapaz encontrou a morte.

Depois de se ter batido como um bravo em Smolenko e Moskova, de ter coberto de glória o seu nome, o coronel de Canouville morreu, não com beleza, como teria desejado morrer, sob os golpes da lança dum cossaco, ou pulverizado pelo fogo dos canhões russos, mas dum deplorável desastre.

Quando, após um combate, descarregavam uma peça de artilharia francesa, uma bala da mesma veio feri-lo mortalmente.

No peito, encontraram-lhe um medalhão rodeado de brilhantes, com o retrato da princesa Paulina. Entregaram-no ao rei Murat que, imediatamente o enviou ao cunhado.

A dor de Paulina, que, dias antes, mandara, como aliás costumava fazer duas vezes por mez, um enviado á Rússia informar-se do estado de saúde do seu bem-amado, pois as cartas não a sossegavam bastante, foi indescritível.

Durante meses e meses, permaneceu acabrunhada, entregue a um desespero, cuja veemência, comoveu até aos próprios inimigos.

E, nunca até ao fim dos seus dias, a princesa deixou de recordar, com infinita amargura e saudade, o bravo e infeliz hussardo que lhe inspirara o mais belo sentimento da sua vida, o único amor, verdadeiramente nobre e grande, que desabrochou na sua alma.

Anos depois, o inexorável arcanjo de asas negras desceu à Terra e ceifou a ardente flor da volúpia que tanto amara e fôra amada.

Paulina Bonaparte sucumbiu à lei implacável. Mas, ela vive, e viverá sempre, enquanto no Mundo se prestar culto à Arte e à Beleza, no imortal mármore de Canova.



A côrte em Fontainebleau

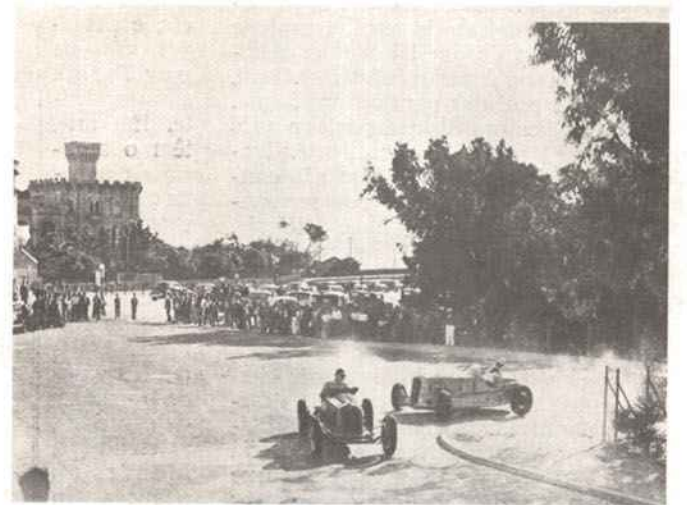
O CIRCUITO INTERNACIONAL DO ESTORIL



O Chefe do Estado com os srs. dr. Costa Leite (Lumbrales) sub-secretário do Estado das Finanças, general Domingos de Oliveira e conde de Monte Real, assistindo às provas.—A' direita: o sr. Presidente da República felicitando o vencedor, Manuel de Oliveira



A entrega do prémio ao vencedor do Circuito, sr. Manuel de Oliveira. — A' direita: a apresentação dos corredores — Jorge Monte Real, Henrique Lehrfeld, Mannel de Oliveira, Rayson e Benedito Lopes ao sr. Presidente da República



Um aspecto da prova de motos que foi ganha por António Pinto que em 29 minutos e 49 segundos, conseguiu a média horária de 81,496 metros —A' direita: uma emocionante fase do circuito internacional. O inglês Rayson, devido a uma avaria, teve de desistir na altura em que comandava a prova



O Japão de outrora

Por isso, o Japão continua a procurar pela violência aquilo que, por boas maneiras, não pode obter e que é considerada essencial para a defesa do seu território. E, como os habitantes do país são sóbrios, activos, inteligentes e progressivos, sempre tiraram proveito de todas as aventuras guerreiras em que se arriscaram. A Ilha Formosa, que fica mais perto da China que do núcleo principal das ilhas que constituem o Japão, e que pertence àquele país, foi-lhe arrancada pelos japoneses em 1874; uma pequena península com um nome muito difícil de pronunciar, encravada em território chinês foi anexada pelo Japão em 1878, a pesar de de todas as ameaças da China.

Em 1894 deu-se a guerra entre estes dois últimos países, em virtude de interesses de ambos na Coreia; a China foi derrotada, e a Coreia forçada a concluir com o Japão um tratado vantajoso para este último. A esta seguiram-se novas vitórias e conquistas muito numerosas, e, por fim, em 1902, deu-se a guerra russo-japonesa, desastrosa para a Rússia, em que o Japão ficou vitorioso, senhor de Porto Artur em território russo; mais tarde ainda, conquistou o território, que liga aquele porto com a Coreia. Em 1914, o Japão colocou-se ao lado das potências aliadas na Grande Guerra e apossou-se das colónias alemãs de Kiaochow. Actualmente este temerário país está empenhado em guerra com a China, e, a julgar pelo passado, e vai mudando de desinência conforme os hábitos das línguas para onde é trasladado, e assim é "Japon" em França, "Japan" na Inglaterra, etc. Além das inúmeras ilhas, o Japão também possui territórios em terra firme na Coreia e, recentemente, pelos tratados, tem direitos sobre a Manchúria por 99 anos, e é, senhor de Porto Artur e de outros pontos, como mais adiante veremos. A ânsia do Japão por conquistar terrenos no continente asiático e não se contentar com o que tem, deve atribuir-se ao facto de não possuir carvão mineral nem ferro em quantidade suficiente para as suas indústrias e para defesa da sua integridade nacional, além do que há a notar a super abundância dos seus habitantes. Tem, portanto de procurar, por qualquer forma, os dois elementos mais necessários e mais importantes, para a sua existência. Trata-se, pois, de conquistar, e, se não conquistado por outros: a China, a Rússia, a Inglaterra, os Estados Unidos e a Alemanha nutriram sempre imenso empenho em possuir qualquer coisa, para aquelas bandas, ainda que não fosse senão um pequeno *pedrão à terra*.

Infelizmente, o mundo ainda não chegou àquele grau de perfeição, tão desejado pelo bem intencionado rei da Bélgica, em que quem tivesse a mais daria a quem tivesse a menos, e cremos que as águas dos rios continuarão a correr para os mares, ainda por alguns séculos, antes de chegarmos a esse tempo em que a Justiça seja ministrada com justiça.

Nevos nipónicas



AMBIÇÃO DO JAPÃO

O MOTIVO DO SEU CONSTANTE PROGREDIR

ou marfim da criação da requintada arte dos japoneses, são de um encanto sem fim. Algumas dessas preciosidades, de maior valor, raramente se encontram na Europa, porque ninguém as aprecia mais e as paga mais caras, do que os próprios chineses e japoneses.

A mais bela imagem de Budha, fundador do budhismo, que é uma das religiões do Japão, importada da Coreia no ano de 552 da era vulgar, existe num bosque perto de um templo em Kamakura, é de bronze, mede 15 metros de alto e foi fundida em 1251.

Modestamente os japoneses fabricam artigos para exportação que são de um mau gosto repelente, como se pode verificar por alguns produtos expostos nas ruas de Lisboa. Como esses orientais, que são os primeiros decoradores do mundo, devem rir, e até desprezar, o comprador desses hediondos artefactos, produzidos com destino aos selvagens da Europa!

O japonês acaricia diariamente os seus *bibelots* de estimação, com amor e reve-

rência ou estasia-se perante uma gravura de um mestre do século quinze ou dezasseis. Pela leitura dos trabalhos encantadores de Wenceslau de Moraes, que viveu no Japão como japonês, adivinha-se a adoração que a alma japonesa tem pelas deliciosas lendas poéticas do seu folclore.

Foram os missionários portugueses os primeiros estrangeiros, que entraram e se estabeleceram no país, e ali fundaram missões católicas, nos séculos quinze e dezasseis. Não foi sem grande dificuldade que os japoneses consentiram na entrada de estrangeiros no seu território.

Em 1854, os holandeses empreenderam várias tentativas com o fim de obter dos japoneses algumas concessões. Essa época assemelha-se, em alguns pontos, à situação actual da política do Extremo Oriente.

Nesse momento a atenção do mundo inteiro fixava-se sobre os acontecimentos que se desenrolavam naquelas paragens. Na Índia davam-se os últimos esforços de insurreição, que abalaram por um momento o domínio britânico; na China, as bandeiras da França e da Inglaterra flutuavam com rivalidade nos mares de Cantão e no Japão; finalmente, as barreiras seculares, eram destruídas por pacíficas negociações. "Entre estes acontecimentos (diz a velha crónica donde estamos extractando estas notas) o mais recente, senão o mais brilhante, é a abertura do comércio do único país, que até hoje se tinha conservado fechado ás grandes negociações."

E nós continuamos a colher da referida crónica, que tem um sabor antigo e interessante: "São bem conhecidas as relações, que existiam nestes últimos anos, entre o Japão e os Estados Unidos, a Inglaterra e a Rússia pelos Tratados de 31 de Março de 1854, 14 de Outubro do mesmo ano e 26 de Janeiro de 1855. Pelo Tratado de 30 de Janeiro de 1856, o Japão tinha concedido melhores condições aos Países Baixos, quer dizer, ao único Estado europeu com o qual existiam relações difíceis e limitadas, nestes últimos dois séculos.



Contemplando o horizonte

"Se as notícias que temos são exactas, já se não trata de concessões restritas, mas parece ter havido na corte de Yedo uma revolução comercial completa. Este resultado é o fruto de trabalhos assíduos, praticados durante catorze anos, e que até hoje têm obtido muito pouca publicidade.

"Em 1844, o rei Guilherme II (da casa de Orange) escreveu ao imperador do Japão a fim de que abandonasse voluntariamente um sistema de exclusão, que não estava em harmonia com a época; e esta carta serviu de base invariável para a política, que o gabinete da Haia adoptou imediatamente com este império insular. A corte do Japão respondeu á carta com uma recusa, declarando ao mesmo tempo que as leis do Império não permitiam relações mais íntimas com os outros países, todavia, Guilherme II não desanimou, e, pela sua influência, começaram a conceder-se socorros aos naufragos, portando-se melhor com os navios estrangeiros, que visitavam as paragens do Japão. Apenas constou que se preparava uma expedição, o governo neerlandez fez novas instâncias.

"Uma carta enérgica, dirigida a 2 de Novembro de 1852, pelo director da feitoria, Mr. Dunker-Curtius, ao governador de Nagasaki acabava por estas palavras: "Sua Magestade o rei dos Países Baixos espera que a paz se mantenha se o governo japonês se portar com o Presidente dos Estados Unidos da maneira que eu lhe indicar... Alguns meses depois é que a esquadra americana lançou ferro na baía de Yedo e que o comodoro Perry entabulou negociações que, como é sabido, não tiveram resultado imediato. Pouco depois da sua partida, foi Mr. Dunker-Curtius convidado para uma conferência com o commissário imperial nomeado pelo governador de Nagasaki. O commissário alegou de novo a imobilidade das leis do Império; porém notou-se, por uma carta do Governador, que os argumentos do director da feitoria holandesa tinham feito alguma impressão.

"Terás compreendido o que se vos observou, quanto á impossibilidade de modificar as leis do Império — dizia elle — e de tolerar as relações comerciais com os países estrangeiros. Todavia, não nos parece inadmissível ao que vos haveis referido, sobre depósitos de carvão e necessidade de conceder refúgio a quem fôr, pelas tempestades, arrojado ás nossas praias."

"E deste modo se achavam preparadas as bases da convenção que o comodoro americano obtivera quando voltou em 1854. O gabinete da Haia não se limitava a dar prudentes conselhos á corte de Yedo; auxiliava também, quanto em si cabia, as outras nações commerciantes. Remeteu seguidamente ao gabinete de Washington estes esclarecimentos. O comodoro americano Perry, o almirante russo Putiatine e o almirante inglês Sir James Stirling, tiveram motivos para agradecer os



A corte de Yedo

bons officios da autoridade holandesa. Tratava-se ao mesmo tempo de iniciar os japoneses nos princípios da nossa civilização e artes. Dava-se movimento, ante um povo curioso e inteligente, a máquinas a vapor e ao telégrafo eléctrico. Os holandeses, não perdendo o fruto de tão grandes esforços, conseguiram aumentar o seu crédito no Japão e também remover diversos obstáculos e gozar de iguais vantagens ás que outras nações pudessem ter. Todavia, em 1855, ainda as negociações com o Japão não tinham alcançado senão um resultado medíocre. Três portos daquele Império tinham sido franqueados a quatro nações cristãs: Estados Unidos da América, Inglaterra, Rússia e Países-Baixos; porém eram apenas portos de refúgio, porque o comércio estava, como dantes reservado para os chineses e holandeses. Não ha nada tão miserável como esse comércio privilegiado aos holandeses, pondo até mesmo de parte as condições oppressivas que o regulavam.

"Todavia, o governo neerlandez fez todas as diligências por dar maior desenvolvimento a essas relações commerciantes. Estabeleceu-se em Desima uma biblioteca científica e uma coleção de modelos e instrumentos; um sábio holandês, organizou um curso de química e mecânica; um engenheiro, também holandês, foi encarregado de ensinar os melhores processos para a exploração das minas. O que o governo japonês mais desejava era possuir uma boa marinha de guerra. O governo, sem conceder absolutamente tudo quanto se exigia dele, julgou dever ceder a um desejo muitíssimo justo. Quando as relações do Japão com os países estrangeiros se iam tornando mais activas, julgou que era uma prova de lealdade o conceder-lhe os meios de poder defender a sua independência. Portanto, concedeu licença para que se construissem nos seus pró-

prios estaleiros navios para a marinha japonesa e encarregou um destacamento de soldados da marinha de promover o ensino de uma tripulação indígena, ensino que, a julgar pelas últimas notícias, teve um resultado muito satisfatório. A recompensa de todos esses serviços devia-se à liberdade de comércio. Mais 15 artigos foram propostos por um comissário, às autoridades de Nagasaki, além do Tratado definitivo, que, em 1856, tinha substituído uma convenção anterior.

“Os artigos propostos diziam principalmente respeito à admissão das mulheres e das crianças holandesas, nos portos de comércio livre; o exercício do culto cristão e a abolição do terrível costume de pisarem aos pés a Imagem de Cristo; a faculdade de se poder vender e comprar a todos os negociantes do país e, finalmente, que se estendessem a todos os Estados estrangeiros os direitos concedidos aos neerlandeses.

Tôdas estas propostas não agradaram muito ao governo japonês e, tanto assim, que não foi possível alcançar resposta alguma satisfatória. Em resultado disso, o governo neerlandês resolveu não facilitar tanto os meios de defesa do país, que para lá mandava, até que o governo de Yedo fizesse alguma concessão. Parece que chegou justamente a ocasião em que o governo de Yedo vai ceder às instâncias do governo holandês, e eis aqui o que aconteceu: Os 15 artigos que tinham sido propostos foram substituídos por 40, em 16 de Outubro de 1857, os quais constituem um novo sistema de relações em que o governo consentiu. É permitido o comércio nos dois portos de Nagasaki e Hakodadi. O direito de tonelagem, o direito de importação das fazendas, o modo de vender e pagamento das mesmas fazendas e tôdas as formalidades, que dizem respeito à vigilância do comércio são regulados com tôda a minuciosidade. A importação do ópio é proibida, bem como a exportação da moeda do país; além disso, o governo do Japão fica com o direito de, quando queira, proibir a exportação de alimentos e até mesmo a da cera e do papel. Há ainda algumas declarações especiais muito importantes. Uma delas admite as mulheres e crianças nos portos franqueados aos estrangeiros; uma outra proíbe que se pise a imagem de Cristo. A mais notável diz o seguinte: “O governo do Japão está pronto a fazer os mesmos tra-



O vulcão do Fuji-Yama, a 4.900 metros de altura

tados com tôdas as nações civilizadas, até mesmo com Portugal. É sabido que foi o zelo religioso dos missionários portugueses, que há dois séculos provocou a exclusão de todos os europeus, à excepção dos holandeses. Pouco tempo antes de terem sido feitas aos Países Baixos estas concessões, o Consul dos Estados Unidos, em Simoda, a 17 de Junho de 1857, tinha feito um Tratado, cujo texto foi publicado pelos jornais americanos, porém, as concessões feitas nesse Tratado são muito inferiores às que devemos à diplomacia do governo holandês.”

Esta notícia foi publicada primitivamente por um periódico belga, e dá-nos bem o quadro do Japão na sua menoridade, necessitando de tutor, quanto à sua marinha de guerra, e, em embrião, quanto às suas relações comerciais com as outras nações. Hoje,

oitenta anos mais tarde, a sua marinha de guerra é, em poder, a quarta do mundo, e o seu comércio faz a concorrência a todos os artefactos produzidos pelas indústrias europeias, em todos os ramos. Nos arquivos portugueses, como o da Torre do Tombo e o da Biblioteca da Ajuda, existem relatórios e notícias que, no século dezasseis, os padres missionários enviavam para a metrópole e que são do maior interesse para a história do Japão. É um manancial que está por explorar pelos historiadores japoneses, talvez por não terem conhecimento da sua importância.

Não virá longe o dia em que os nipônicos, dando largas ao seu espírito empreendedor, venham reunir os elementos necessários para a história completa do desenvolvimento da sua Pátria. Engenho não lhes falta... E, francamente, a nossa acção junto deles apenas os deve orgulhar, pois fomos leais e generosos com os seus respeitáveis antepassados.

ADOLFO BENARÚS.



Recanto japonês

NAS conquistas mais notáveis do aproveitamento da mecânica conta-se o aeroplano.

Quando apareceram os primeiros automóveis tôda a gente pasmava, ao vê-los andar "sòzinhos", sem nada que os puxasse.

Parecia coisas de artes diabólicas — uma massa pesada como aquela a deslizar rapidamente pela rua fora, com uma ligeireza de brinquedo.

Quando começaram a figurar na tela dos cinemas, ainda mais estranho parecia. Com o "chauffeur", embrulhado em peles, dando a impressão de que em vez dum homem levava um urso ao volante, a impressão recebida era bizarra em extremo e chegava a fazer medo.

A pouco e pouco, a gente foi-se acostumando ao novo veículo, e não tardou muito que êle não destronasse por completo o cavalo, e atirasse com os cocheiros para a miséria.

Já se viam bodas, com o seu cortejo de automóveis, e já de quando em vez, como que para lançar mais intensamente a moda do carro-fantasma, que andava "por si", alguma parturiente mais apressada dava á luz recostada nas suas fofas almofadas, antes de chegar ao hospital.

Depois, para completar a trilogia da vida, ao nascimento e ao noivado, veio juntar-se o funeral.

O automóvel criou nos espíritos, até ali embalados pelo rodar moderado e "não te rales", do trem de praça, a ânsia da velocidade.

E, então, toca a aproveitá-lo para viver mais depressa, acabar mais cêdo com as massadas que a vida traz.

O nascimento é o primeiro passo para a morte, o casamento é a morte de muitas ilusões, e, por fim, para que tudo seja no gosto da agitação da época, é melhor levar o cadaver de automóvel também, e fica tudo liquidado a tantos quilómetros por hora.

Se êle até já há o *Club dos cem...*

Isto é que é vontade de levar a vida de um golpe.

Que a bem dizer, para o que ela presentemente representa para alguns, está tudo certo.

Mas a ambição do homem não é vontade que se cale e satisfaça com qualquer pitaça, nem mesmo quando essa pitaça é da fôrça dum "Roadster", ou dum "Ford", moderno.

Mau é que êle prove qualquer acepipe novo, porque começa logo a querer mais e melhor.

O automóvel, afinal, não era ainda a última palavra da rapidez, o devorador desejado da distância — essa palavra que encanta e faz sonhar novas delícias, novas sensações e também novos desenganos.

Devia haver melhor — era preciso que houvesse melhor.

E houve. O aeroplano apareceu um belo dia, a disputar o azul aos pardais, entrou pelos domínios da águia e o homem rejubilou, e gritou, como nas "fitas", os garotos gritam, quando se aproxima o momento de gáudio da grossa pancada-ria: — É agora!

Desde a "mademoiselle", dêsse idealista

formozura, e a deixem a ela — a triste feia de quem todos fogem — abandonada, enrodilhada na vergonha do seu nome odiado e temido.

Mas a graça que há em todas as asas, desde a asa fluida do antipático mosquito até à majestade do vôo das aves de rapina, não se julgou diminuída, acariciando de vez em quando essas asas artificiais que o engenho do homem criou. E é assim que o amor também se compraz em sentar-se na carlinga dêsse passaro de madeira carregado de metal.

E o par-modêlo dessa graça suprema é o casal Lindbergh. Desde há muitos anos que êle deixou de voar sòzinho.

No seu "Espírito de São Luiz", o avião que o levou, naquêle arranco que espantou as multidões de Nova-York a Paris, nêsse mesmo avião, êle tem, desde o seu casamento, em 1929, por companheira constante sua mulher, e foi no espaço, entre terra e ceu, que êles passaram a sua lua de mel.

Assim Morgan apaixonou-se de tal forma pela aviação, que já tem há tempos a sua carta de piloto.

Quando o marido descansa é ela quem guia o aparelho.

Já percorreram o mundo de lés-a-lés, sempre juntos.

Nada lhes tirou a paixão do espaço, porque êle foi a sagração do seu amor e de consêlho lhes tem servido, nas suas desventuras.

Quando os homens lhe ferem o coração, êles fogem dos homens. Sobem mais alto, e lá em cima, mais perto de Deus, sentem-se mais seguros, contra a maldade que cá em baixo ruge...

MERCEDES BLASCO.

ASAS DE GRAÇA E DE DESGRAÇA

do Santos Dumont, até aos monstruosos aviões da Lufthansa, que de tentativas, não querer mais e melhor! Quantas vidas por aí fora, pela estrada das suas experiências e das suas conquistas...

E quantas desgraças êle semeia pelo mundo, voluntariamente, comandado pela crueldade e, tristeza é dizê-lo, crueldade ás vezes imposta pela necessidade de defender um lindo ideal — como é o amor da pátria.

Entre as desgraças, ordenadas essas pelo destino, temos a registrar o desaparecimento dessa corajosa Amélia Eahart, que depois de dezoito anos de vôo, succumbiu no seu próprio sonho, e do nosso nunca suficientemente lembrado Sacadura Cabral — a quem eu crismei, numa crónica, de "Nosso Senhor do Ar", aqui na *Ilustração*.

E agora, muito mais perto de nós, essa catastrophe do Aguiá Branca, segundo em nome, que arrojou ao mar — o glutão sinistro "travesti", de beleza — com os corpos e as aspirações de quatro moços cheios de talento, boas intenções e altos projectos.

E a desgraça anda agarrada às suas asas, porque ela não perdôa aos homens que queiram viver sem ela, que abram os braços á felicidade, subjugados pela sua





Equilíbrio da Natureza — Pedrógam, Caramulo

O pôr do sol! Descreva-o Tomás da Fonseca, filho querido da Montanha:

“De sul a norte nuvens se estendiam em grandes faixas multicôres — purpúrias, esverdeadas, amarelas, cor de rosa, cor de cera, cor de leite, sanguíneas, alaranjadas, rubras — modificando constantemente a sua forma, fazendo variar continuamente a paisagem oceânica.

E não era só essa costa de mar, orlada com o fulgôr das nuvens e o brilho de ouro das areias. Belas eram também as serras longínquas, levemente empoadas, que faziam lembrar uma dessas tardes vaporosas da Irlanda, onde a natureza parece entoar ainda a harmonia das plangentes baladas de Ossian.

E o sol descia lentamente. Outras nuvens de outras cores tornavam mais belo

ainda o panorama. Confundiam-se, cruzavam-se, absorviam-se, multiplicavam-se. As doiradas sobrepondo-se às alaranjadas, as cor de safira casando-se às cor de sangue. Outras de estrutura e contorno extravagantes, formadas em agulhas, em arestas, em flechas, em tôrres, em abismos, que faziam supôr andarem ali rugindo, andarem voando, mastodontes e megatérios, mesosauros, megalosauros, diclonios de dois mil dentes, levitans de dois mil palmos.

Mas a voragem transformava-se para dar lugar à relumbância de mil côres que se confundia e ampliava nesse leito edênico das ondas...

E o sol descia lentamente. Uma difusa luz flutuava agora, serena como a alma dos justos, por entre nuvens carregadas, sobrepostas.

O panorama do céu, junto à solidão da terra, mais nos fazia sentir ainda o peso desse infinito alvor deserto...

E lentamente o sol descia. Agora já tocava o mar. E toda a costa se ia ruborecendo mais e mais.

Dividido por uma nuvem oblonga, o belo astro semelhante uma galera purpúria, singrando num atlântico de fogo.

Tanto deslumbramento e tanta luz difusa, que as próprias montanhas que se estendiam a nossos pés pareciam cobertas de ouro e purpura...

Quando enfim o último raio de luz desapareceu na neblina um vasto clarão ruborisava ainda o horizonte numa distância de muitas léguas sobre o mar.

Um mortal silêncio pairava sobre a terra. Apenas, de longe em longe, os mugidos do novilho perdendo-se na profundidade dos vales e o chocalhos do rebanho, dobrando a encosta...

Na esplanada atravessamos agora terrenos em que a água meruja. A Fonte dos Pastores abraça o granito numa fenda vulvular, e, decorrendo entre moi-



Sanatória de Mantelgas

VIAGENS NA NOSSA TERRA

A majestade da Serra da Estrêla

tas, forma corga que vai lançar-se na ribeira da Tijosa, tributária do Criz.

Passamos Fonte Velha. À esquerda, as Pedras da Trindade; à direita, a Brôa do Rei. Nas Cavadinhas, sobre o Pinheiro Só, batem os primeiros alvôres do luar...

E, alcançando os Coiços, atravessadas as Leiras Grandes, entramos em Jueus, à hora da ceia.

Saindo de Jueus, poucos passos andados, topamos, à Azinhiaga, o Salvador do Clemente, que vai ao seu granjeio; logo adiante, a tia Ana do Malhão, que com ele anda ao dia fora. E juntamo-nos, como amigos velhos.

Fica-nos à direita a ribeira dos Mè-deiros, que vem do Pico, e à esquerda a ribeira do Pedrógam. A bárbara canção das águas, que se despenham, casa-se à bravia aspereza da Serra.

Na solidão, o silêncio vem de si, naturalmente. O montanhês é pouco falador. E noto que só ligamos um pouco de conversa, ao cortar pelos amanhados, quando os moços que andam na lida nos dão o — *Salve-os Deus!* e os velhos, sentados à sombra das laranjeiras, despertam do seu meio sono, apaziguando o cão de guarda que arremete...

Entre os milharais as vides de enforcado balouçam grinaldas, das altas ramarias.

As culturas descem de torna em torna; de botarêu em botarêu, em fieira, espadana à água cristalina.

A floresta e o sol tecem à terra um manto verde oiro.

O arvoredo denso insinua-se pelos declives, formando arcadas sobre regatos e aprazíveis retiros que, por estas tardes estivais, a luz e a temperatura tão a sabor do corpo, convidam a delicioso repouso.

Passamos a corga das Porqueiras. Ao pontão da Ribeira do Corço, o Salvador, há muito atento à satisfação dos meus olhos, glosa o arroubo contemplativo:

— Tôdas estas corgas vão lançar-se à Tijosa, que depois cai no Criz. E não pode imaginar — há ocasiões, no inverno, que elas fazem versos que nem rios grandes...

Para chamar versos aos fragores da tempestade, ao bramir cavernoso das torrentes, é preciso ter uma alma heroica. Foi com alma assim que Camões cantou os Lusíadas...

Olho a fito o Salvador: a sua cabeça poderosa, o seu rosto brônzeo são de um guerreiro. Bom modelo para Sousa Lopes...

Chegámos à sua propriedade; despedimo-nos: — *Até mais ver...*

Alguem canta na deveza:

*Adeus, rochos do Corço,
Baldios da Fonte Armada...*

Daí a pouco, estamos na Fonte Fria, abundante manancial que corre até ao Li-

nheiro. Já à esquerda fica o caminho do Campo, por Castelões.

A esta altura reaparece o medronheiro. E o rosmarinho alastra.

Reparamos na brutal resinagem: dez e doze chagas abertas em cada gigante da floresta!

Passamos à Fonte Armada. Ao cimo do valeiro do Grande, casinholos abandonados aconchegam-se sob um doce de arvoredado.

Seguem-se soitos e terrenos de regadio. No caminho a erosão e a carretagem morderam fundo o granito.

À Escadinha alvorece um perfil de mulher...

É a Piedade, a pastora que junto do Caramulinho, começando pela tardinha a corujar, me queria emprestar a sua capucha. Fico contente de a ver. Foi a Múceres buscar vinho para uma malha. Mas como vem cansada! Por milagre não passará um carro que lhe leve o pesado garrafão? Poderá Deus esquecer a doce criatura?!

Alcança-se até o mais alto da Serra. Tudo arborizado; só, aqui e além, resaindo a penedia, como ruínas de castelos em bosquedo medieval.

Deixámos o caminho carreiro. À direita, um fundão magnífico todo coberto de mata. Da espessura sobe o murmúrio da brisa e das águas...

Uma larga fita verde-tenro, verde claro, marca na floresta, subjacente, a linha ribeirinha até à planície, onde o pinhal avança ainda em caudal, separando terras de cultura.

Há meio século múltiplas invasões destruíram os soitos de castanheiros, de carvalhos e sôbros, as vinhas, os oliveiros, os laranjais, e toda a próspera região de Besteiros teve de cobrir-se de pinhal em último recurso. Mas não tardou felizmente que, pelo replantio, a vinha e a oliveira reganhassem o seu domínio. E das antigas essências só o castanheiro não reapareceu ainda.

Felos e juncaes. E a camomila, com a sua florinha amarela, esmalta a verde toalha herbácea, rasteira, abeberada de humidade.

Grandes pinheiros firmam-se, arraigando-se em pedregal.

A aragem agita de leve os cimos; as agulhas desprendem-se numa chuva fina. De quando em quando, pinhas caem, despertando bandos de rôlas.

Quem, por estes sítios, buzina numa concha marinha?

É o correio do Vale, que assim se anuncia aos homens, como um mitológico emissário dos deuses, indiferentemente semeando as boas e as más novas...

Avista-se a povoação do Linheiro. São quatro da tarde. Temos vindo de vagar.

Findo o atalho, reentramos no caminho. Mas que caminho!

Nas minhas peregrinações por Portugal nada me confrange mais que o abandono destas populações serranas.

O homem do mar e o homem da montanha, dominando a fúria das tempestades, o assombro do Acaço, nas fronteiras das Águas e do Ar, precisam ser considerados especialmente pela Lei.

E não esqueçamos que Montanha e Montanhês são termos da mesma equa-



Um túnel sob a neve

ção. O montanhês, velando pela montanha, vela por todos nós. Que o Estado o não abandone!

Em frente, Linheiro, Cortiçada, Molelinhos, Molelos, Botulho, Tondela, Lobão;



Lagoa do Ceirão da Cleusa



A rústica imponência da Torre na Serra da Estrêla

a nascente, Campo, Vilar, Mosteiro de Fráguas.

Para o norte, perto, o Santuário do Coração de Maria, de Castelões.

Descendo, tomamos por novo atalho. Seguimos rente a um muro de pedra solta... E eis Múceres!

A linda vista! À esquerda, o Vale da Ponte, tão ameno e gracioso — o ribeiro murmurando sob as ramarias frondejantes, casando-se numa mesma melodia a voz das águas e o vago rumor da floresta, e os lindos casais, que se debruçam do último contraforte do Caramulo para a primeira agra da planície, entre pomares, no ar puríssimo confundidos o forte, resinoso aroma do pinho e o violento perfume dos laranjais...

LOPES DE OLIVEIRA.



Um crocodilo caçando um tigre

O prazer da caça faz parte integrante do homem desde o começo do Mundo.

É de crêr que, pela necessidade de obter sustento, o homem, obedecendo ao seu instinto, foi caçador antes de se ter dedicado à agricultura.

Ainda hoje, se procurarmos através da Polinésia encontraremos povos que, não sentindo inclinação para os trabalhos do campo, se alimentam exclusivamente da caça e da pesca.

Começando a civilizar-se, o homem não deixa de ser caçador; pelo contrário, aperfeiçoa a arte de abater os restantes animais, e sempre com a maior tranquilidade de consciência, através de todas as religiões, mesmo as panteístas, assegurando que os deuses criaram as rezes, os quadrúpedes, as aves e os peixes para sustento do homem.

Ave pesando



No entanto, todo o progresso da caça, apesar de muito interessante, é deficiente e banal perante a astúcia e a inventiva que os povos selvagens ainda põem na sua arte de caçar, e que nos dão uma ideia do que seria a luta admirável nos começos do Mundo, entre o homem e a fera e de que meios êle se valeria para conseguir o seu fim.

Assim, na África do Sul, os selvagens que não sentem a atracção da lavoira, levam dias e dias seguindo os antílopes que, como é sabido, possuem, além duma agilidade assombrosa, vista, ouvido e olfato apuradíssimos. Apesar de tudo, o caçador consegue, ao cabo de verdadeiras maravilhas de engenho e de paciência, atingir o perseguido com uma flecha envenenada.

Os indígenas da Austrália são igualmente grandes caçadores e têm processos originalíssimos: cobrem o corpo com lódo para iludir o faro dos animais, cobrem-se com ramos até fingir de verdadeiras árvores ou matagais ambulantes, logrando desta maneira aproximar-se da caça sem que esta os receie; apanham as aves aquáticas, metendo-se na água até o pescoço e com a cabeça transformada num macciso de juncos.

Os esquimós, que habitam nas cercânias polares, são também destros caçadores: assim conseguem, não só alimento, mas tudo o que necessitam para o seu mísero viver: peles para as suas tendas, e vestuário e calçado. Utilizam nas suas caçadas os cães admiráveis que empregam para a condução dos trenós, e com êles perseguem e apanham os animais característicos daquelas regiões, como o boi almiscarado, a rena, o lóbo, a raposa, as focas, etc. Entre as armas que utilizam ha uma que empregam especialmente contra as aves: consiste em duas bolas de barro ou de pedra unidas entre si por uma meia vara de corda. Lançam ao ar esta arma, e a corda, ao entedar-se na ave que atinge, obriga-a a tombar no solo, por motivo do peso das bolas.

Admiráveis caçadores são os indígenas do centro de África, do Sahará, e dos bosques da Guiné e do Sudão. Ali defrontam o leão, o elefante, o hipopótamo, o rinoceronte, as tremendas serpentes como a bôa e arripante cobra cascavel. O mais curioso é que estes selvagens, como os seus primitivos e similares antepassados da Ásia e da Europa, conhecem a arte de utilizar as aves de rapina em seu proveito, e as aves piscívoras para pescar sem grande trabalho. Do mesmo modo, alguns antigos povos da América eram caçadores formidáveis, e ainda muitas das tribus indianas que se conservam no seio dos bos-

OS PRAZEIS DA CAÇA

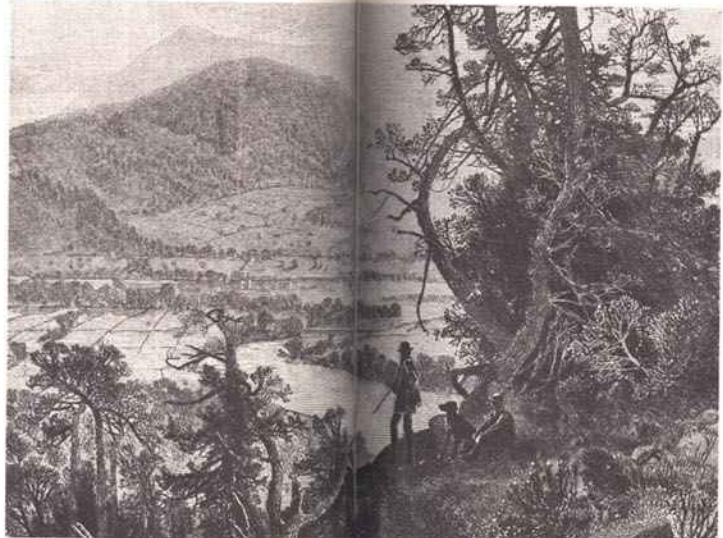
e a atávica feridade do homem



ques vírgens do Brasil e nos altos cumes inexplorados da Bolívia, do Perú e da Colombia, têm a caça, por único trabalho,

Caçador - Em busca de rapina

por único sustento e por único exercício. Em boa verdade os seus costumes de caçadores não diferiam dos usados pelos



demais selvagens que existiam no Mundo e ainda existem.

Sómente os peles vermelhas, os índios dos imensos prados que se transformaram nos Estados Unidos e no Canadá tinham algo de originalidade e carácter próprio. Viviam estas tribus quasi exclusivamente à custa das imensas manadas de bisontes que pastavam naquelas regiões. Estas manadas eram emigrantes e frequentemente empreendiam incompreensíveis caminhadas à procura de melhor pasto, ou de clima mais benigno. Atraz das manadas de bisontes iam as tribus dos peles vermelhas que só acampavam onde os animais se decidiam a descansar. Para se acercarem dos bisontes sem que estes se apercebessem, os índios cobriam-se com peles de lóbo, animal que não é temido pela manada, pois nunca a ataca. Assim, rastejando, como se lóbos fôsse, os peles vermelhas conseguiam misturar-se com os bisontes, que abatiam com certos golpes. Isto quer dizer que os índios conheciam o sistema do descabelo como os nossos melhores magarefes. A civilização acabou com tudo isto. Primeiro, ensinou os índios a utilizar o cavalo para perseguir o bisonte, e as armas de fogo para o abater à distância; seguidamente acabou com os férteis prados bravios; depois deu caça aos bisontes até os exterminar, e, finalmente, deu cabo também dos peles vermelhas!

Na América pre-colombina havia grandes e famosas caçadas que seria pena esquecer. O governo dos Incas tinha a sua maior fonte de receita na venda das peles dos animais que cada ano eram caçados em toda a nação. Organizava estas caçadas o mesmo governo, e acudiam a elas todos os homens que o desejassem, mas com a obrigação de entregar ao governo todas as peles dos animais que caçassem, podendo dispôr da carne como entendessem.

Todavia, entre estes povos primitivos, ou entre os que continuaram durante séculos e séculos com civilizações rudimentares, nenhum soube converter a caça de necessidade em diversão como o povo egípcio que chegou a amestrar não só cães e aves de rapina, mas até leões para o auxiliar nas caçadas que empreendia!

Entre os animais dá-se também a terrível luta pela vida, crescendo ainda, em seu favor, que nenhuma fera, por mais terrível que seja, se dedica a caçar para se distrair...

Que sustento poderia dar um pobre passarito a um caçador que lhe ferra uma chumbada tão somente para experimentar a sua pontaria?

É ver com que ansiedade o caçador



Ataque que se gora

aguarda o período em que lhe é permitido fusilar toda a espécie de animais indefesos! Mas, se em plena serra, um lobo, acossado pela fome, lhe sai ao encontro, o homem assanha-se e, organiza um batalhão para dar caça à fera.

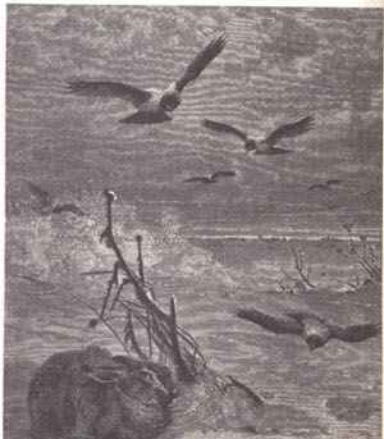
O que não irá por esse povoado se uma raposa teve artes de levar uma galinha nos dentes! Caçar é reservado ao homem.

Razão tinha aquela hiena que, aconchegando a cria, no fundo do seu covil, à passagem dum grupo de caçadores, dizia aos filhos (passava-se isto no tempo em que os animais falavam) a elucidá-los para o futuro:

“— Tomai cautela com o homem, que é a pior das feras que Deus deitou ao mundo!”

E ainda hoje se verifica que a hiena tem cada vez mais razão.

Um círculo em regra





da Bênção, enquanto enchem os cântaros, quando o sol dorme nos braços da tarde, ou que os pastores do deserto cantam, reunidos nos Penedos Côrados, à hora em que os camelos e as caravanas repousam debaixo da branca tenda e a lua se levanta no horizonte.

Esta é a lenda que os bons crentes recitam, de olhos voltados para a Santa Kibla, e que me contou Ali-Hassan, da tribo de Beni-el-Védar, em certa manhã, passeando juntos à beira-mar.

Ao nascer do sol, Ali estendeu o tapete da oração, caiu de joelhos e recitou o *Fattah*.

Quando terminou essa oração, levantou-se e ofereceu-me o "cachimbo da amizade".

Sentámo-nos e começamos a fumar.

— Não sabes, cristão — disse-me ele — a origem desta folha, cujo aroma estamos aspirando, e cujo fumo se eleva até o trono de Allah, misturado com o perfume das flores?

— Não sei, muçulmano — respondi eu.

— Louvado seja Allah — exclamou — que só revelou a crentes os mistérios das coisas ocultas, pela boca do Profeta. De Deus somos, e para Deus havemos de voltar... Ele é grande!

E, deitando mais tabaco no cachimbo, contou-me a seguinte lenda, simples, mas profundamente religiosa e severa.

II

Viajava em certa ocasião o profeta Mahomet (Deus o tenha na sua glória) pelos desertos do Yémen.

Era inverno, e, como fazia frio, os répteis dormiam o sono das compridas noites.

A égua em que o profeta montava pôs uma pata sobre o covil duma víbora, e então apareceu esta completamente ador-

meçada pelo frio. Mahomet teve compaixão do réptil; desceu da égua, apanhou a víbora, e meteu-a dentro da manga da sua túnica, para que o calor a voltasse à vida.

E o calor deu-lhe vida novamente.

Depressa começou a mover-se; depois deitou a cabeça de fora, e disse:

— Profeta, quero morder-te na mão.

— Não sejas ingrata — respondeu ele.

A ORIGEM DO TABACO

segundo uma deliciosa lenda dos muçulmanos

— Assim o quero.

— Quando me provares o que te deu motivo para me ofender, consentirei que me mordas.

— A tua raça — silvou a víbora — está sempre em guerra com a minha: os pés dos teus e as patas dos vossos cavalos, vencem-nos sempre, e eu quero vingar-me em ti.

— Não se trata agora da tua raça nem da minha — replicou-lhe o profeta — só se trata de mim e de ti. Que mal te fiz eu? Porventura não acabo de te fazer um benefício, tornando-te à vida com o calor do meu corpo?

— Apesar disso quero morder-te, para que mais tarde não causes dano nem a meus filhos, nem aos da minha casta.

— Isso, pobre réptil, será uma ingratidão: retribues o mal pelo bem. Ai de



DO TABACO

lenda dos muçulmanos

ti, que tão mal queres pagar os benefícios que te fazem!

— Quero — gritou então iracunda a víbora — quero e juro-te por Deus grande e poderoso que hei-de morder-te!

Ao ouvir o nome de Allah, o profeta não se atreveu a replicar.

Inclinou a cabeça e disse:

— Que o nome de Allah seja louvado! Sômos de Ele e de Ele temos a vida.

A abriu a mão à víbora para que mordesse.

E a víbora mordeu a mão sagrada de Mahomet.

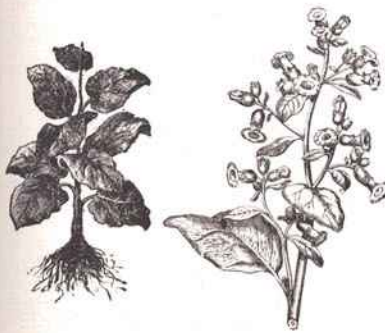
Então este, possuído de viva dor, lançou a víbora para longe de si, e amaldiçoou-a em nome de Allah, porque tinha sido ingrata, e com ela todos aqueles que pagam o bem com o mal, e não são agradecidos aos favores que lhes fazem.

O profeta aplicou, em seguida, os lábios à ferida, sugou com força, e extraiu o veneno que o réptil tinha deixado.

E cuspiu-o sobre a areia do deserto. De repente, no sítio onde tinha caído a saliva, nasceu uma planta que rapidamente cresceu e deitou folhas.

Os árabes, que acompanhavam o enviado de Allah, queimaram algumas daquelas folhas como em holocausto ao Deus único, clemente e misericordioso que tinha salvo do veneno o chefe dos crentes; e então receberam o estranho e delicado aroma que as folhas daquela planta exalavam ao queimar-se.

Desde aquêle dia todos os bons muçulmanos fumam as folhas dessa erva maravilhosa e abençoada que Allah faz



multiplicar nos oasis, e aspiram o seu perfume com veneração e prazer, porque o seu sabor participa das amarguras do veneno da víbora e da doçura da saliva sagrada do profeta.

III

O tabaco é, desde aquela época remota, a delícia dos hadjies, que fizeram a peregrinação a Meca; dos ulemas, que ensinam a sabedoria no átrio da mesquita de El-azhr, fonte de alegria e luz, e dos filhos da branca tenda que são os reis do deserto.

É também desde aquêle tempo que o crente que recebe doutro muçulmano o sol da hospitalidade à sombra da sua tenda, é obrigado a amá-lo e a deixar-se morrer em defesa d'ele, se fôr preciso, porque a maldição do profeta pesa sobre a cabeça dos ingratos, que não poderão ver a lua clara do paraíso na noite da sua morte.

IV

Esta é a lenda do tabaco, que transmitem de tribo em tribo os velhos crentes, através dos séculos e das gerações, para glória de Allah, cujo nome é abençoado.

Só Ele é grande!

V

Hoje, o tabaco tem a maior consagração que poderia imaginar-se. Lábios femininos, os mais formosos lábios que se movem para conjugar o delicioso verbo que o Amor impõe, sugam-no com prazer e fazem subir ao céu em volutas de fumo tênue como a ilusão o seu enebriante perfume!

É o mais belo holocausto oferecido a Allah clemente e misericordioso!

E no dia feliz da nossa iniciação em que, desprendendo-nos da vida, possamos subir ao Paraíso que o profeta nos revelou, deveremos partir, fumando em acção de graças.

IV

A nossa vida pode ser comparada ao tabaco que queimamos como incenso em louvor de Allah clemente e misericordioso.

Vivemos, amamos e sofremos, queimando-nos a pouco e pouco, ora sorrindo, ora sofrendo, mas sempre os nossos pensamentos, à semelhança do fumo tão tênue como as nossas ilusões, vão subindo, subindo até junto do trono de Deus.

Tem confiança no teu futuro



Só Allah é grande e Mahomet o seu profeta!

VII

Rende, pois, os teus louvores a Allah clemente e misericordioso que te deu tantas coisas belas para que te delicias na tua breve passagem por este mundo.

Se te deu a dôr, é para que estabeleças o contraste e possas fixar a diferença.

Fumar é orar. O fumo, saindo dos lábios em espirais tão azuis como o céu, sobe ao céu como fervorosa prece.

Fuma, pois, louvado sempre Allah clemente porque só Ele é grande!

Bagdad, Agosto de 1937.

ALI-BEN-MIRZA.



COM que então, tornaste a casar hein?
 — E' verdade! com uma irmã da minha defunta...
 — Compreendo!... como se pareciam, talvez...
 — Não, não!... Não se parecem nada!... São um perfeito contraste!... O que eu fiz foi apenas para não mudar de sogra...
 — Ah! sim... é boa senhora?...
 — Muito... morreu há vinte anos!

O mestre escola: — Qual é o passado de despertar?
 — O aluno: — Dormir!

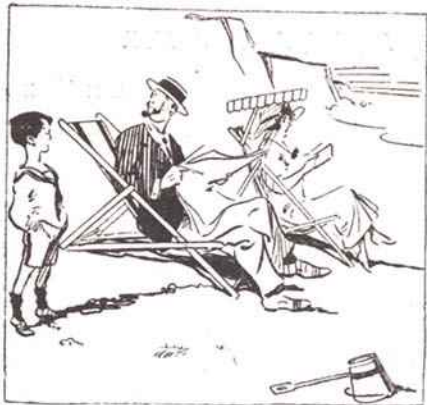
— Está bem, meu caro Antunes; se queres um fato barato, vai ao meu alfaiate; mas tens de oferecer-lhe metade do que êle pedir.

O Antunes foi ao alfaiate, que lhe pediu seiscentos escudos pelo fato.

— Dou trezentos.
 — Há-de dar os quatrocentos.
 — Dou duzentos, nem mais um real.
 — O menos são duzentos e cinquenta.
 — Dou cento e vinte e cinco escudos.
 — Prefiro fazer-lhe o fato de graça.
 — Nesse caso — concluiu o Antunes — tem de me fazer dois.

Um opulento banqueiro, inimigo fidalgo do Jazz, recebe a visita dum sujeito gadelhudo que, lamurientemente, vai implorando:

— É uma subscrição para fazer um



O petiz (com quem a mãe acabava de ralar):
 — O paizinho, que rico tempo nós havíamos de passar, a fazer tudo quanto quizessemos, se tu não tivesses casado com a mamã!...

entêro a um pobre companheiro... um músico... um saxofone...

— Perfeitamente — atalha o capitalista. E... quanto lhe têm dado, em média...

— Pouco mais ou menos cada pessoa tem contribuído com cinco dólares...

— Pois tome lá trinta dólares e... que enterrem seis saxofones!...

— Papá!... Diz-me uma coisa!...
 — O que é meu filho?



— Tu não gostas lá muito de fazer a barba a ti mesmo, pois não?

— Não! Aborrece-me muito!

— Pois então, podes estar-me agradecido... porque acabo agora de te dar cabo da Gillette!

Dois noivos arrulham há uma porção de horas. A pomba sem fel, por fim, pergunta:

— Josésinho... não te apetecia dar um passeio ao Campo Grande?

— Esplêndido, minha adorada!... Ficava encantado...

— Pois... por mim não te prendas!...

A mulher do romancista — Como podes escrever um romance marítimo, quando há tantos anos não vês o mar?

O romancista — Também sou casado há mais de vinte anos, e contudo ainda poderia escrever um romance de amor.

— Minha filha, vamos ver a exposição das Belas Artes, mas devo dizer-te que há quadros que não é próprio que tu vejas...

— Quais são, mamã?

— Eu tos mostro em lá chegando...



Êle para a esposa: — Gostavas de ser homem?
 Ela: — Sim. E tu, também?...

— Quantos são os sacramentos?
 — Sete, senhor prior.
 — Bem. E quantos recebeste já?
 — Três, senhor prior; o batismo, a primeira comunhão e a vacina!

Block e Cohen, dois judeus de baixa condição, encontram-se no café.

— Ouve lá, Cohen, tens família?

— Não! Sou celibatário e orfão...

— Mas tens irmãos?...

— Não! Nenhum!...

— Então... tens companheiros de quarto?

— Não!... Nenhum!

— Então... não sou capaz de adivinhar!

— O quê?

— Quem é que usa as tuas camisas quando elas ainda estão limpas!

O sr. Severino vai a casa de pessoas amigas, onde, como de costume, fica para jantar. Nisto, passa o pequeno João, filho



Êle: — Ouça lá, você não é aquela interessante rapariga a quem eu dei um beijo, ontem à noite, na esplanada?
 Ela: — A que horas?

dos donos da casa. O Severino afaga-o, e pergunta-lhe:

— Joãozinho, gostas que eu venha cá jantar?

— Gosto, sim, senhor... porque há sempre um prato a mais!...

— Quanto te custou êsse chapéu, ó Margarida?

— Apenas uma canção ao piano, que eu cantei ao meu marido...

— Ah! E de quanto eram as notas?

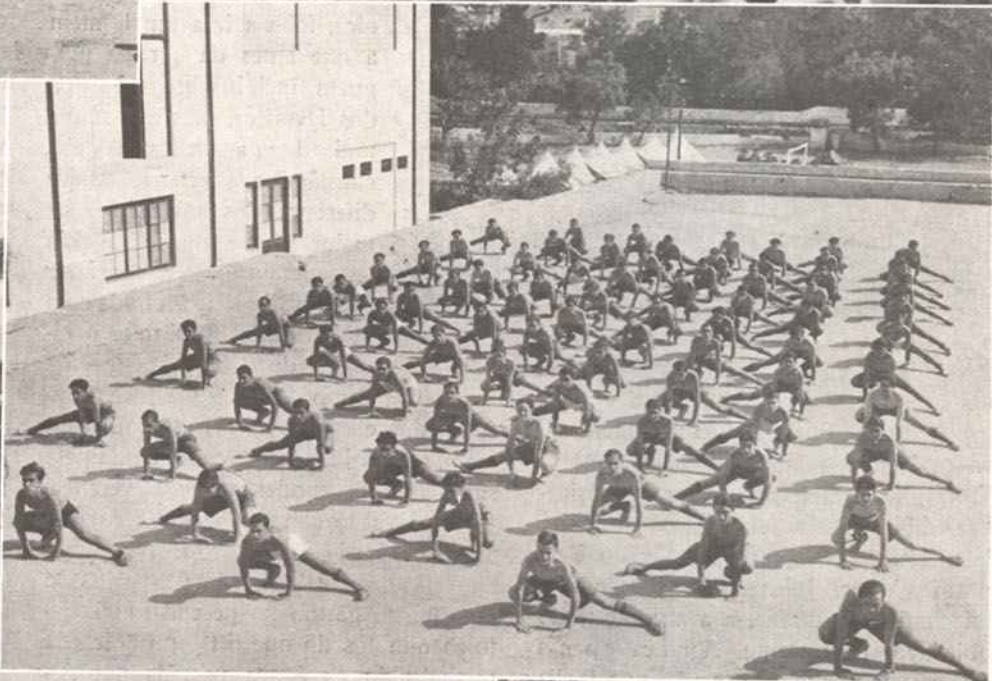
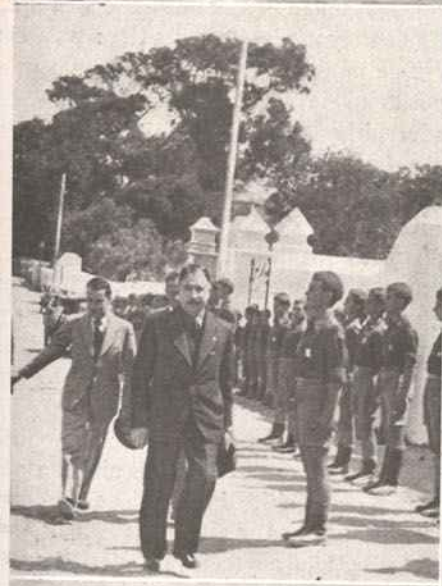
A modista: — Minha senhora, é impossível conseguir algum dinheiro do seu marido!

A freguesa — Então pensa que a mim não me acontece o mesmo?

— Porque é que dás sempre corda ao relógio antes de te sentares à mesa?

— Porque o médico me recomendou que fizesse exercício antes de comer.

MOCIDADE PORTUGUESA



No Instituto dos Pupilos do Exército, em S. Domingos de Benfica, encontram-se duzentos e trinta rapazes da «Mocidade Portuguesa», vindos do centro e do sul do País, Cursam ali a Escola Central de Graduados, dirigida pelo comandante geral da organização, sr. tenente Quintino da Costa. Muitos rapazes estão internados no exemplar estabelecimento de ensino. Em turnos de oitenta, todos eles fazem oito dias de vida de acampamento na vasta cêrca do Instituto, onde estão armadas numerosas tendas de lona branca. Esta página dá alguns aspectos dos seus treinos



O atletismo feminino continua progredindo a cada jornada; no último concurso, Irene Pirto, à direita, e Margarida Salazar Correia, à esquerda, melhoraram o recorde nacional do lançamento do dardo.

A corrida Porto-Lisboa em bicicleta, décima quinta em ordem cronológica, trouxe-nos enfim, na insipidez duma época letárgica, a primeira manifestação viva, interessante, do desporto ciclista. Infelizmente parece que foi também a última, e a atribuição do objectivo interessante significa apenas que suscitou interesse, e não que tenha decorrido em moldes de interesse.

Para os acompanhantes foi duma mo-

notomia soporífera, e para o público uma desilusão permanente; o pelotão bastante numeroso dos participantes adoptou durante todo o trajecto uma tática passiva, cada qual esperando a iniciativa alheia ou reservando para a fase derradeira os propósitos de iniciativa própria.

Em face de semelhante atitude geral a prova resumiu-se a um passeio ciclo-turístico de média elevada, intercoartado por curtos períodos de arremedó de combatividade, e um arranco final de meia dúzia de quilómetros que decidiu as classificações.

A vitória caprichosa e irónica, foi sorrir a um homem a que antes da corrida ninguém incluíria no número dos favoritos, mas que soube muito bem aproveitar das circunstâncias e valer-se da indiferença dos adversários de maior classe mas que dela entenderam não dever fazer uso; vitória aliás acolhida com muita simpatia, porque o ciclista do Club Atlético de Campo de Ourique, José Braz,

é um dos elementos mais estimados no meio, estima justamente conquistada pela sua correcção, modestia e perseverança.

Considerado sob o aspecto de competição desportiva, o Porto-Lisboa deste ano não deixou saudades; o primeiro classificado gastou no percurso mais catorze minutos do que o tempo "récord," estabelecido na época passada por Alfredo Trindade, e a opinião unânime da crítica apontou e verberou a extrema re-



Os combates de luta livre, quando os adversários aguem, obriga às vezes os árbitros a intervenções energicas

A QUINZENA DESPORTIVA

serva dos corredores participantes. Alguns ataques esboçados bastaram, por vezes, para desmembrar o grupo dos ciclistas, mas os favoritos nessas ocasiões nunca souberam, ou melhor, não quiseram nunca aproveitar o ensejo prosseguindo no esforço. Contou-nos alguém que seguiu toda a corrida como olhos de ver, que na subida de Santa Clara à saída de Coimbra, um ataque de Martins de Aguiar apenas poudo ser acompanhado por quatro competidores, ficando para traz em condições que pareciam irremediáveis alguns dos elementos mais cotados. Desses cinco corredores fugitivos três pertenciam ao mesmo club, o club que actualmente possui mais forte equipa, mas cujos resultados durante a época não têm correspondido a tal valor: pois em vez de mutuamente se ajudarem no propósito de distanciar em definitivo os adversários retardatários, reduziram a marcha e dentro em pouco os cinco eram de novo vinte e seis.

Como em desporto o destino não perdôa semelhantes imprudências, aconteceu que, por incidentes vários, os homens que tiveram pendente da sua vontade o destino da prova, vieram a entrar na meta depois dalguns daqueles a quem fizeram o favor de esperar.

Mais do que a passividade comodista dos corredores, admira-nos ainda a ausência de critério dos técnicos e conselheiros que os acompanhavam e por certo se não aperceberam das circunstâncias, entregues como vinham ao melindroso encargo de fornecer o "biberon," aos seus pupilos.

Apezar de disposições regulamentares taxativamente contrárias ao processo do reabastecimento em marcha, os dirigentes da U. V. P. toleraram uma vez mais que automóveis acompanhantes andassem na faina constante de levar a cada minuto água ou comida aos seus corredores. E' claro que, nestas disposições desapareceram os anunciados postos fixos, afinal a única manifestação de progresso na organização da prova.

Fica demonstrado que o ciclista português não abandona os seus processos prehistóricos enquanto não mudar de dirigentes, escolhendo outros guiados pelo modernismo e isentos de preceitos sedícios.

Depois de dez anos de permanência na Europa, a famosa Taça Davis, trofeu

que representa de facto o campeonato mundial de ténis por equipas nacionais, embarcou de novo a caminho dos Estados Unidos, donde tão cedo não voltará.

Após porfiados esforços, os americanos encontraram affim o jogador de classe excepcional, capaz de conseguir o êxito que nem Tilden nos seus melhores tempos, nem depois dêle o formidável Vines, haviam conseguido.

Êsse atleta, no qual alguns críticos julgam ver o maior jogador de ténis de todos os tempos, chama-se Donald Budge e nasceu há 22 anos, de pais modestos, numa cidade da California; alto — mede na craveira 1,80 —, delgado mas largo de ombros, sobre os quais assenta uma cabeça extranha de pássaro aureolado de flamantes cabelos ruivos, o novo fenómeno americano não corresponde aos preceitos de beleza estética estabelecidos pela arte, mas conquista todas as simpatias pelo seu inalterável bom humor e pela simplicidade do seu trato.

Budge, obedecendo à lei comum a todos os moços cidadãos dos Estados Unidos principiou a sua actividade desportiva pela prática do "base-ball," onde certamente teria adquirido classe notória se, por acaso, um dos seus camaradas cultor apaixonado do ténis o não tivesse arrastado consigo para o manejo da "raquette."

Algumas vitórias obtidas em torneios secundários animaram, no entanto, o californiano a prosseguir no treino da sua nova especialidade e em 1933 consagrou um rápido valor ganhando o campeonato nacional de "juniors." Os técnicos, surpreendidos e entusiasmados pela revelação, concedem-lhe prodigamente elogios e auguram-lhe um futuro de grande campeão se o atleta provar em competições mais severas, força moral suficientemente para manter as extraordinárias qualidades físicas que possui.

Esta preciosa aliança verificou-se, ao ponto de poder afirmar-se que Donald Budge é, de todos os "super-campeões" do ténis mundial moderno aquele que manifesta menor impressionabilidade, mais absoluto domínio de nervos, sabendo sempre, até nos momentos mais críticos dispôr de todos os recursos físicos e técnicos.

Escorado no seu apoio de jogador invencível, — Budge, não perdeu o único encontro durante toda a época, tendo

conseguido a proeza inédita de vencer os três campeonatos de Wimbledon, — a América conservará largo tempo o glorioso trofeu agora conquistado e não se descobrem ainda no horizonte do futuro, os homens que hão-de repetir a fahã dos franceses Lacoste, Cochet e Borotra.

No momento actual a Alemanha é, graças à subida de forma de Henckel e ao valor comprovado de Von Cramm, a nação europeia que dispõe da mais forte representação; na meia-final da Taça Davis perdeu 3-2 com os Estados Unidos e o jôgo decisivo entre Budge e Von Cramm foi levado até vantagem de jogos na quinta partida, mas daqui a supor que possa derrotar para o ano os americanos no seu país vai distância infinita.

A geração de hoje não torna a ver do lado de cá do Atlântico a majestosa "saladeira de prata," oferecida há vinte anos pelo ministro Davis.

Esteve em Lisboa com uma companhia de lutadores, o nosso famoso compatriota Al. Pereira, autêntico campeão profissional da Europa de luta livre.

Os espectáculos em que tomou parte foram bastante do agrado do público, a quem a violência, a virilidade dos combates, encantou particularmente por uma questão de temperamento; o povo da

capital viu, gostou mas parece-nos que se não convenceu.

A severidade dos golpes, que forçosamente magoam, não permite descuidos aos adversários.

Duas verdades incontestáveis devemos reter destas exhibições: a formidável classe de Pereira, cujo título de campeão foi conquistado sem sofismas, e o valor atlético desta forma de lutar só acessível a homens de excepcional vigor e coragem.

SALAZAR CARREIRA.



Ao atravessar Torres Vedras os ciclistas vindos do Porto a caminho de Lisboa, conservam-se em pelotão compacto, chefiado por Trindade



SINTRA, CASCAIS E COSTA DE CAPARICA

O novo Parque de Sintra e seu majestoso Palácio

O novo Parque de Sintra

É de inteira justiça destacar-se, como incontestavelmente o merece, o novo e importante melhoramento com que Sintra acaba de valorizar as suas honrosas tradições. O Parque da Pena, Castelo dos Mouros, Capuchos, Monserrate e tantos outros pontos espalhados pela alcantilada serra, tornaram-na, de há muito, o encanto dos estrangeiros e consequentemente orgulho de nacionais, dando-lhe a incontestável categoria de uma das mais apreciadas zonas turísticas internacionais.

Faltava, porém, a completá-la, um recinto público, dentro da vila, assim bastante perto, que servisse, não só para os que de fora ali se dirigem em passeio, como para os que lá veraneiam e que são de ano para ano mais numerosos, e que necessitavam de um refúgio onde passar agradavelmente as horas mais quentes das longas tardes estivais.

Resolveu acertadamente este problema, do mais alto interesse local, a Câmara Municipal de Sintra adquirindo uma das melhores quintas, antigo solar de uma aristocrática família, cuidado com todo o esmero, e cujas frondosas árvores seculares constituem um espesso maciço de verdura que os mais ardentes raios do Sol não conseguem atravessar, e que está situada a cem metros da estação do caminho de ferro, facilmente acessível, portanto.

Foi aqui que a Câmara Municipal instalou o Parque de Sintra, recen-

tamente inaugurado com a assistência do ilustre Chefe do Estado que felicitou as autoridades municipais pela sua interessante iniciativa. E assim ficou aberto ao público este seu novo logradouro, de bem traçados arrumamentos, bancos instalados à sombra para onde vão já em grande número de nacionais e estrangeiros ler os seus livros e jornais, a Esplanada Bar, com as suas mesas e respectivos guarda-sol e em vésperas da instalação de balouços e outros divertimentos infantis.

No pavimento térreo do Palácio deste Parque e terraços anexos realizou-se já na última semana do mês findo, com o melhor êxito, uma interessante exposição de plantas apresentada pela Companhia Hortícola Portuguesa.



O pórtico de entrada de Monserrate

Um notável melhoramento em Cascais

A Comissão da Iniciativa e Turismo de Cascais, á qual toda a zona sob a sua jurisdição deve relevantes serviços, resolveu em 1935, no intuito de melhorar o acesso á Praia da Conceição e embelesar sensivelmente o local, pôr em execução uma série de obras importantes que por completo a transformam, com geral satisfação dos banhistas não só daquela vila como do Monte Estoril cuja praia já quasi desapareceu.

De entre essas obras avulta a construção de uma Pergola com latada, excelente logradouro público, e no respectivo vão um edificio moderno e elegante destinado a Restaurante e Bar, cuja falta de há muito se fazia sentir. Foi neste edificio que, ainda recentemente, após difíceis e custosos trabalhos de instalação, se inaugurou o Reser ve de Cascais que, não é já segredo para ninguem, representa o mais assinalado êxito dos últimos tempos registados em toda a Costa do Sol.

Com dois vastos pavimentos, o primeiro onde funciona um Bar-Restaurante e o segundo o Bar-Dancing, mobilados com conforto, arte e bom gosto, uma larga e esplendida Esplanada em frente á formosa Baía, onde estão colocadas algumas dezenas de mesas, abrigadas por vistosos guarda-sol, é este incontestavelmente o local onde mais aprasivelmente se passam as manhãs, as tardes e as noites.

Primoroso o seu serviço de restaurante, almoços, jantares ou chás e refrescos ás horas do banho, animadíssimas as noites em que se dança ininterruptamente até alta madrugada, deve registrar-se que a sua habitual clientela é recrutada nas mais altas classes da nossa Sociedade e mais importantes individualidades das colónias estrangeiras, tanto de residência fixa, como de passagem. O pianista americano Jimmy Campbell, bastante conhecido e apreciado em vários centros cosmopolitas da Europa e da América delicia todas as noites a escolhida concorrência com o seu inextinguível bom humor, e de tal forma que os seus programas têm sido numerosas vezes retransmitidos pela Emissora Nacional.

Quando ao chegar a Cascais, em frente á estação se vir uma fila extensa de automóveis já se sabe que é ali a entrada para o Reser ve de Cascais, cuja concessão foi judiciosamente outorgada á firma L. J. Vellez, L. da,

A Praia do Sol em Caparica e o seu mais elegante estabelecimento

A Praia do Sol, da Costa da Caparica, vem progredindo dia a dia, de forma a ver excedidas as mais optimistas previsões. Bem perto de Lisboa, dispo ndo de agradáveis meios de transporte, em elegantes, cómodos e rápidos vapores até á Trafaria, completando o trajecto excelentes autocars que em poucos minutos ali nos conduzem, aumenta sensivelmente a sua população fixa, o número e qualidades dos seus banhistas e dos visitantes que ali acorrem em grandes caravanas que chegam a contar, em domingos e feriados, algumas dezenas de milhar de pessoas, acrescentando ainda valorisá-la bastante as próprias condições sanitárias sem igual nas suas congéneres.

De entre os bons estabelecimentos comerciais da Costa da Caparica, destaca-se sensivelmente o mais moderno, recentemente inaugurado, a filial da «Nutritiva», da rua dos Correiros, 243 que, no comércio lisboeta da sua especialidade, ocupa um posto de excepcional relevo.

A sua instalação ali, de linhas modernas e elegantes, ficaria bem nas mais luxuosas praias do País. O seu proprietário, sr. Joaquim de Sousa, comerciante de largas vistas esmerou-se em dotar a Praia do Sol de um indiscutível melhoramento que muito a valorisa.

Nesta nova casa, situada no ponto mais central, encontra o público, com a maior confiança, todas as especialidades de charcutaria, queijos nacionais e estrangeiros, manteigas, chás, cafés, águas minerais, vinhos de marca, refrescos, bôlos, bolachas, chocolates e emfim todos os artigos da sua especialidade. E ainda cá lóra, contornando-a, há para os seus clientes mesas colocadas á sombra dos guarda-sol, onde em comodas cadeiras podem tomar os seus refrescos, ao mesmo tempo que desfrutam o intenso movimento deste local, o mais concorrido, ponto de chegada e partida dos autocars das carreiras.

Este novo estabelecimento não é exclusivamente destinado á época de verão pois que sendo já a Costa da Caparica um meio devéras importante os seus constantes progressos exigem o correspondente desenvolvimento comercial, e só assim se explica a construção, que vem sendo realizada, de bons e grandes edificios que se destinam ás necessidades locais.

Fôram estas circunstâncias que levaram o sr. Joaquim de Sousa, cujas simpatias pela Praia do Sol, são aqui bem conhecidas, a abalançar-se a este empreendimento que o tornou crêdor do reconhecimento de todos.

Não será ousado vaticinar á «Nutritiva» da Costa da Caparica um êxito semelhante ao que, com inteira justiça, alcançou a «Nutritiva» de Lisboa



Joaquim de Sousa



A GLORIFICAÇÃO DO HERÓI DE CHAIMITE

GLORIFICANDO o herói de Chaimite, foi dado o seu nome à praça principal da vila da Batalha, seu torrão natal, sendo inaugurada na casa onde nasceu uma lápida comemorativa. A pedra tem gravada a seguinte legenda: «Nesta casa nasceu a 2 de Novembro de 1855 aquele que veio a ser o grande português Mousinho



Pouco antes da cerimónia — Ao centro: os companheiros de Mousinho que assistem à comemoração. — Em baixo: um aspecto da Praça Mousinho de Albuquerque durante o desceramento da lápida na Câmara Municipal da Batalha



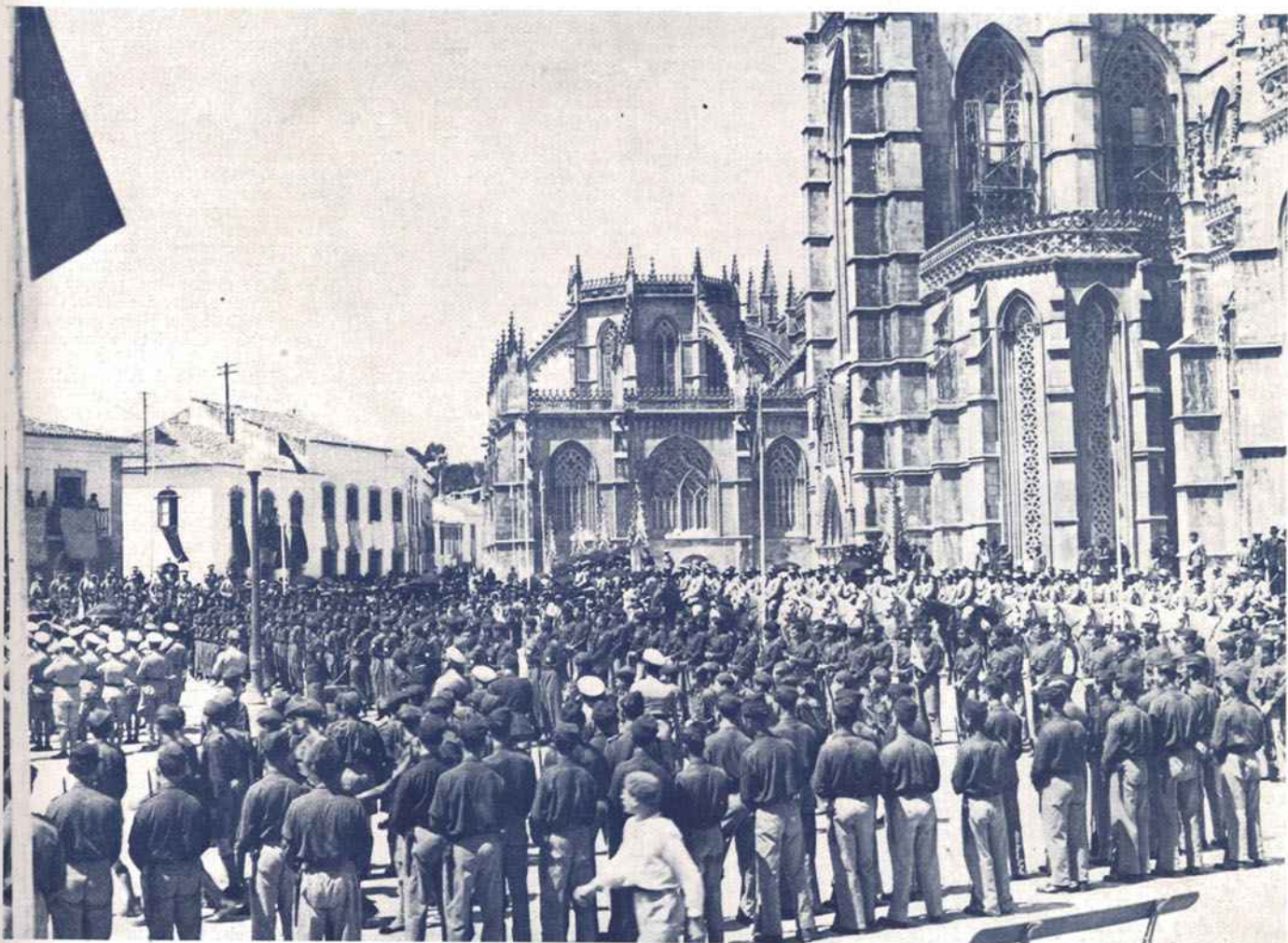
de Albuquerque, heróico militar e insigne espírito».

O general Amílcar Mota, na sua qualidade de representante do sr. Presidente da República inaugurou a lápida que dá o nome à praça e tem os seguintes dizeres:

«Praça de Mousinho de Albuquerque. O herói foi baptizado na igreja do Mosteiro desta vila».

Esta homenagem a que milhares de pessoas assistiram, teve a virtude de, não só reunir num sentimento patriótico, mas fazer vibrar a alma da Nação inteira.

Mousinho de Albuquerque não é só o herói glorioso, é um símbolo augusto que devemos ter sempre, e hoje mais do que nunca, no nosso espírito.





PRAIAS E BANHOS DO SOL

e Cap Breton com a sua extensíssima praia de areia fina e bela, Biarritz a cidade que nasceu do capricho duma imperatriz, mas se todas essas praias são tão belas, são elegantes, são adornadas como se adorna uma mulher «esquette» e que quer dar nas vistas, as nossas lindas praias tão simples algumas, não recebem o confronto, porque têm a beleza singela, mas segura, e têm o sol criador, rei das praias e indispensável para que seja benéfica uma cura de praia.

O sol que todos procuram para os banhos de sol e que fazem com que se cubram nesta época as praias de toda a parte de corpos estendidos num «douce far niente», ocupados apenas em se voltar como as sardinhas na grelha, na ansia justa de armazenar saúde para o duro inverno, que tanto cansa com a sua vida agitada e má atmosfera de aquecimentos e salas fechadas.

Os banhos de sol que tomados com cuidado e com regularidade são uma fonte de saúde e bem estar.

Houve um abuso excessivo de banhos de sol e de nudez na praia, que nem a todos fazia bem, mas este ano nota-se uma grande modificação, que muito se faz notar principalmente na maneira como as senhoras se apresentam este ano nas praias.

A moda aconselhada pelos mestres da ciência encaminhou a mulher numa nova orientação. O «maillot» triunfo da mulher escultural, mas desespêro da que não possuía a requintada perfeição está hoje nas praias elegantes sendo usado apenas para a natação e sobre as areias vermelhas, prateadas ou douradas, que a moda decretou «chics» as mulheres ostentam as «shorts», esses graciosos vestidinhos curtos em «cretonnes» floridos, cobertos por um longo roupão, que por seu corte elegante se parecem imensamente com os casacos, que nos casinos vestem os seus belos corpos bronzeados pelo sol.

Mais alegres, mais garridos e menos comprometedores para qualquer imperfeição plástica, foram entusiasticamente adoptadas, com grande regosijo, dos moralistas que nada têm que dizer aos actuais trajos que ornar e embelezam as praias.

Voltando a estas e aos banhos de sol diremos, que em parte nenhuma os seus apaixonados podem encontrar um melhor meio para os tomar do que sobre as lindas areias de Portugal.

As finas areias das nossas praias oferecem aos corpos o mais fofo colchão, o sol que a brisa ma-

ritima atenua, doura e cura os enfermos, e dá mais saúde aosãos. As elegantes encontrarão nessa atmosfera de luz e suavidade, um melhor fundo para fazer sobressair a elegância dos seus «shots» e o garrido das suas cores.

Em Portugal temos praias para todos os gostos e para todos os organismos. As pessoas fracas que precisam dum ar são mas não excessivamente forte têm nas praias do Estoril além dum ambiente elegantíssimo, um meio de fazer a sua cura de ar e de sol sem fatigar o organismo.

Nas praias de Setúbal, Albarquel e Portinho da Arrábida a mais suave temperatura que a água dum transparente azul torna tentadoras.

No Algarve há as mais deliciosas praias como Monte Gordo e Praia da Rocha. Do Cabo da Roca para cima temos as praias fortes para os amadores dum mar violento, de rochas áridas e de sol. A praia das Maças, Ericeira, Santa Cruz e para os amadores de praias suaves a linda concha de S. Martinho do Porto, Nazaré, Balcal, Peniche.

Para cima as praias fortíssimas de Espinho e Granja duma elegância muito sua e muito apreciada.

Do Porto para o Norte as praias que retemperam os nortenhos, praias duras para organismos fortes.

A Foz com o seu civilizadíssimo aspecto que faz lembrar as mais tratadas praias do estrangeiro. Evoca-nos San Sebastian com o conforto das suas instalações balneares.

Vila do Conde e Povoas do Varzim com o seu mar de elevadas ondas com as suas nevoas vindas do norte, com as suas dunas bellissimas.

Espozende a linda praia, a praia do labedelo de Viana do Castelo, frequentada pela população da cidade, uma das mais extensas praias, que pela sua beleza e extensão lembra a Costa de Caparica.

Ancora e Moledo, praias elegantes e bem frequentadas e quantas outras pequenas praias, umas, e grandes outras, mas desconhecidas, tornam o nosso país nesta época do ano o sonho dourado dos apaixonados das praias e dos banhos de sol.

Que fonte de receita não seria para o país esta maravilhosa situação nesta época do ano em que todos procuram praias e banhos de sol?

MARIA DE EÇA.



DESDE Agosto que as praias da Europa regorgitam de gente, que se banha e que numa completa comunhão com a natureza reconstitui a saúde, que as preocupações da hora presente e a vida esgotante das cidades, abalára.

Uma excepção na Europa a pobre Espanha retalhada e ensanguentada por tão dolorosa luta, vê as suas praias tão belas e tão elegantes povoadas quasi apenas por feridos e mutilados. A alegria do sol e das douradas areias das praias espanholas é esmbrada pela presença dos que destroçados pela maldade humana, sofrem maldade que entristece a mais vibrante alegria da Natureza.

Setembro é entre nós e em todos os países que o Sol deslumbrantemente aquece, o mês das praias, o mês em que as manhãs são mais suaves à beira do Atlântico sobre a fofo e linda areia que o mar beija numa orla de espuma.

É talvez o mês em que mais suaves as noites de luar convidam a contemplar o mar que a lua prateia em cintilações de sonho, é o mês em que as primeiras neblinas envolvem como que numa doce gaze, a beleza ardente das rochas que o vento e o mar avermelham.

É também o mês dos gloriosos pôr do sol. Chamas ardentes iluminam o horizonte, o poente é um resplandecente brazeiro e o disco vermelho some-se no mar, numa magestosa lentidão.

Na tarde seguinte é uma atmosfera lilás, onde o mais violento roxo marca o ponto em que entre as mais formosas cores do lirio, o sol desaparece. Nuvens acasteladas com orlas cor de laranja marcam a sua grandiosa beleza numa outra tarde, cidades fantásticas surgem da água, catedrais e palácios, dum país de fadas desconhecido e efémero, que desaparece com as primeiras sombras da noite.

Praias de Portugal, as mais lindas praias do mundo, onde mais belo é o espectáculo da Natureza em festa, sob um sol ardente ou mais melancólico o ambiente, quando a névoa as envolve nos seus véus de rosados tons ou de violáceas cores.

A nossa longa costa pode gabar-se de possuir praias duma incomparável beleza, praias singelas, agrestes mesmo, cujo unico ornamento são as rochas alterosas contra as quais o mar bate irado e brutal nuns dias, manso e doce noutros, como que pedindo perdão da sua brutalidade, perdão que implora em doces e suaves caricias, e, praias que a civilização alindou tornando-as rivais das formosas e conhecidas praias de todo o mundo.

Se são lindas as praias italianas, as nossas não lhe ficam atrás em esplendor de sol, em maciez de areia, em luminosidade e beleza.

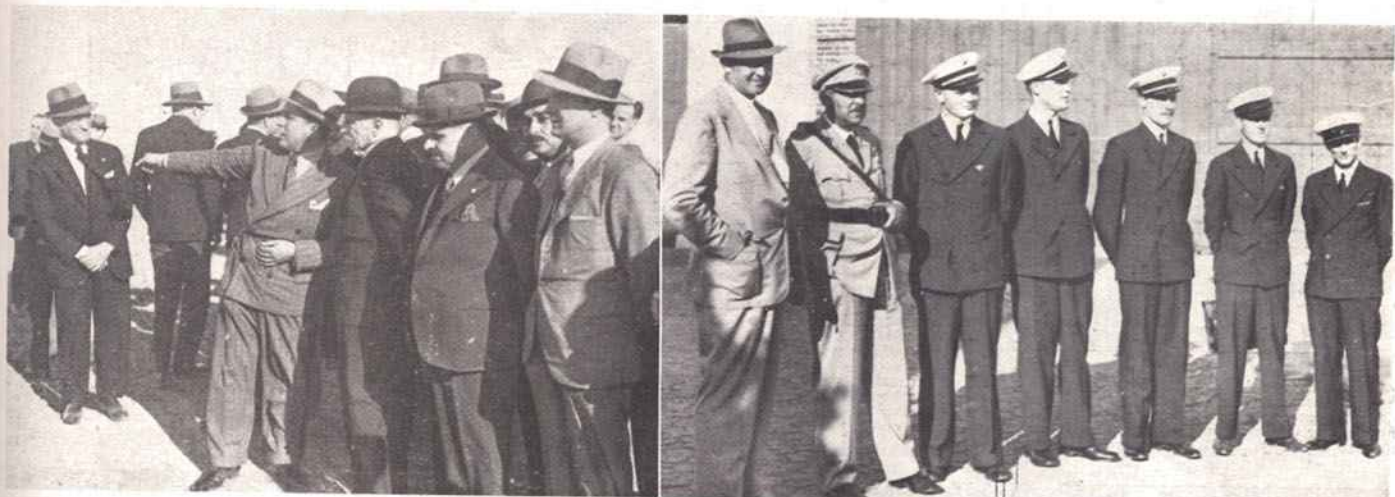
E sobre o Atlântico debruçam-se num luxo de cenário as elegâncias do mundo inteiro em «Le Zanquet» e em Deauville, jardim de maravilhosas flores e encandoras casas.

Hassegar com os seus pinhais na ria lindíssima

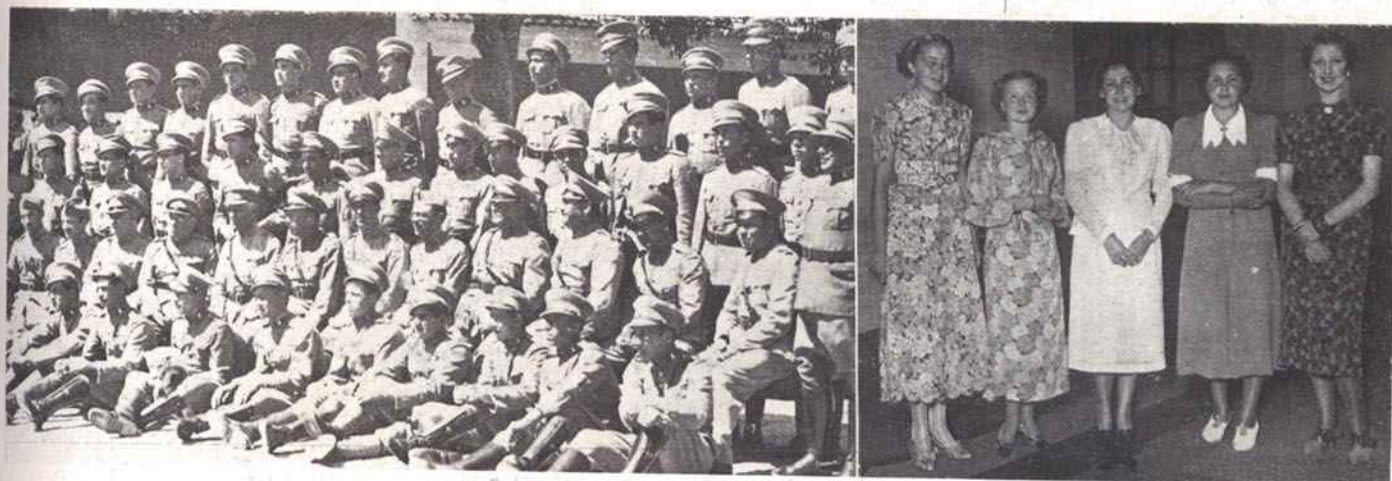
ACTUALIDADES DA QUINZENA



Foi organizada uma Federação Municipal para promover a electrificação total da maior parte do distrito de Lisboa. A gravura acima apresenta os delegados municipais à Federação com o presidente da Junta de Provincia da Extremadura. Esta Federação foi especialmente organizada e delineada para reunir os municípios interessados na unificação da rede electrica, uns porque a que têm é deficiente, outros porque pagam a energia por preços que consideram elevados, e outros ainda porque a não possuem



Vai ser construido nos Olivais um novo matadouro municipal que vem constituir mais um importante melhoramento citadino. A gravura representa o Chefe do Estado com os membros do governo e outras entidades visitando o local onde as obras prosseguem afanosamente — A' direita: O agente da Pan Americana com o major Carlos Beja e os tripulantes do hidro-avião «Clipper III» chegado ao Tejo em viagem de estudo da carreira comercial Nova York-Lisboa



Grupo tirado no regimento de Sapadores de Caminhos de Ferro por ocasião da homenagem prestada ao seu comandante sr. coronel Cordovil Vaz Coelho. — A' direita: «Miss Costa Verde» ladeada pelas «Flores de Espinho» eleitas na formosa praia do Norte, após uma festa cheia de animação e encanto

FIGURAS E FACTOS



Um dos acontecimentos teatrais da última quinzena foi o casamento da actriz Maria Paula com o actor Estevão Amarante facto naturalíssimo, é certo, mas que teve grande retumbância em todo o país. Isto se explica pelas grandes simpatias que os ilustres artistas disfrutam em todas as plateias portuguesas e pelo grau de popularidade que obtiveram. Dêste casamento surgirão, temos a certeza, novos triunfos, como a gloriosa carreira de Amarante, garantem e a recente esperançosa estreia de Maria Paula nos afirma. Na corbeira dos noivos, o público soube colocar as valiosas prendas dos seus mais entusiásticos aplausos

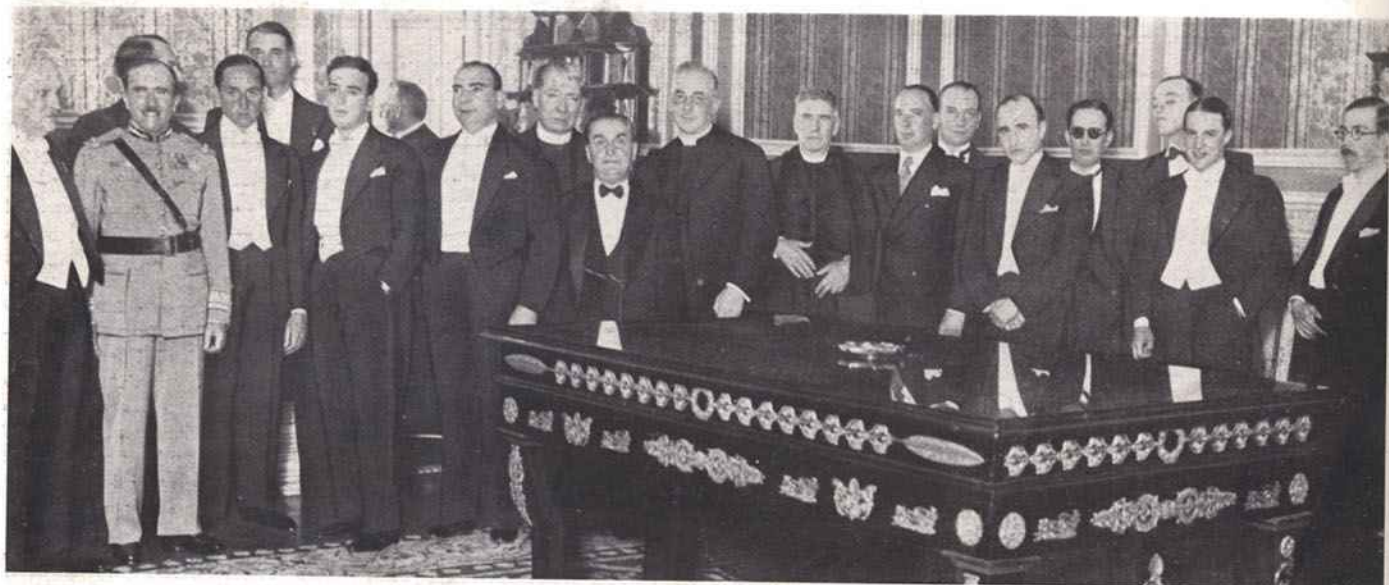
O prof. dr. Salomão Shoeken, director da Biblioteca da Universidade de Jerusalem, professor de literatura comparada e grande amigo de Portugal. O dr. Shoeken é um dos primeiros dirigentes do sionismo e do Estado Judaico em formação na Palestina. A sua obra literária é o mais eloquente documento do seu altíssimo valor



O vice-almirante Moreira de Sá merecia desde há muito uma homenagem que perdurasse. Realizou-a o ilustre escritor Eduardo de Noronha que, numa elegante *plaque*, focou os seis factos principais da vida desse glorioso marinheiro cuja carreira foi cristal de límpida transparência

José de Esaguy o moço escritor que há tempo se embrenhou nas paragens marroquinas a bem da Pátria Portuguesa, não descansa um momento na sua árdua missão. Após a obra monumental «Marrocos» que ainda há pouco depôs no primeiro degrau do altar da Pátria, apresenta-nos um completo vocabulário da língua árabe que será indispensável, não só aos turistas, mas aos eruditos. Da sua obra valiosa muito ficará para auxilio dos vindouros que à história marroquina queiram dedicar-se. Se, noutros tempos, era uso levantar padrões em pedra tosca, hoje, com o mesmo fim, fazem-se livros preciosos

MORREU o escritor dr. Mário de Artagnão, autor de tantas obras belas que foram outros tantos êxitos literários. A sua morte foi imensamente sentida tanto em Portugal como no B-asil. Pode mesmo dizer-se que a sua falta deixa uma lacuna difícil de preencher



No Hotel Avenida Palace, realizou-se um banque'te de homenagem ao dr. Rafael Fernandes de Requeiros Seruya, que foi presidido pelo antigo ministro da Guerra, Passos e Sousa, ladeado pelos srs. Encarregado dos Negócios da França e conde de Séze, adido comercial da França. O homenageado tinha à sua direita o Rev. Monsenhor Duarte e à sua esquerda o sr. Marquês de Alvíto, vendo-se noutros lugares os padres Costa Pinto e José Lopes, mr. Adeau, vice-presidente da Câmara do Comércio Francesa; Domingos Garcia, representando a Associação Comercial dos Lojistas de Lisboa; mr. Neuvy, João Gomes Martins, dr. Rogério de Miranda, R. Decreuse, Elias Rodrigues, Vaz Monteiro, José Simões, etc.

VIDA ELEGANTE



Casamento da sr.^a D. Zélia Mira com o sr. Américo Rodrigues

Festas elegantes

Na segunda quinzena do corrente mês de setembro, realizar-se-á no salão do restaurant do Casino Estoril, a festa anual, levada a efeito pelos cronistas mundanos e nossos colegas de trabalho Carlos de Vasconcelos e Sá e Carlos da Mota Marques, cujo programa está sendo elaborado com verdadeiro critério artístico, e decerto atrairá ao Casino Estoril, como nos anos anteriores uma enorme e selecta concorrência. No próximo número daremos mais pormenores sobre esta elegante festa.

Casamentos

Realizou-se no passado dia 29 de Julho o enlace matrimonial da sr.^a D. Zélia Mira, gentil filha da sr.^a D. Maria de Oliveira Mira e do sr. Manuel Mira, sócio da importante firma corticeira Rodrigues & Mira, Ld.^a, com o sr. Américo Rodrigues, filho da sr.^a D. Henriqueta Marques Rodrigues e do sr. José António Rodrigues, também sócio da firma Rodrigues & Mira, Ld.^a.

Paraninfaram o acto civil e religioso os importantes industriais corticeiros srs. José da Silva Barreira e Carlos R. Fernandes e suas respectivas esposas.

Depois do acto religioso foi servido um fino copo de água, que se realizou no salão nobre do Grémio Alentejano, á selecta e numerosa assistência, entre a qual se viam importantes industriais do nosso meio corticeiro.

O copo de água foi abrilhantado pela orquestra do Rádio Clube Português.

O conhecido maestro René Bohet fez-se também ouvir nalguns seleccionados números do seu vasto repertório.

Aos brindes usaram da palavra os srs. António Maria da Rocha, H. Casademont, e H. Hauser que enalteceram as qualidades dos noivos e finalmente o sr. Manuel Mira, e o noivo, agradecendo.

Findo o copo de água realizou-se um animado baile que se prolongou até cerca da meia-noite.

Na «corbeille» via-se grande número de lindas e valiosas prendas.

— Presidido pelo reverendo Moreira das Neves, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, celebrou-se na paróquia de

S. Jorge em Arroios, o casamento da sr.^a D. Maria de Lourdes Pinto Lopes, gentil filha da sr.^a D. Beatriz dos Santos Pinto Lopes e do sr. João Veríssimo Pinto Lopes, com o sr. Horácio Castro Guimarães, filho da sr.^a D. Lucinda Teixeira Castro Guimarães e do sr. dr. Castro Guimarães, tendo servido de madrinhas as sr.^{as} D. Beatriz Pinto Lopes, D. Rosa das Neves Rosas e D. Dalila Braga, e de padrinhos os srs. dr. Cunha Leão, Leonardo Rosas e dr. Guilherme de Barros e Vasconcelos.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência da mãe da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «Versailles», partindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de valiosas prendas, para o Luzo, onde foram passar a lua de mel, seguindo dali para o estrangeiro.

— Em Tomar, na capela da Quinta de Nossa Senhora de Lourdes, em Avesadas, celebrou-se o casamento da notável pintora sr.^a D. Maria de Lourdes de Melo e Castro Esteves de Brito, interessante filha da sr.^a D. Maria Campeão de Melo e Castro Esteves de Brito, já falecida e do sr. Diniz de Melo e Castro Esteves de Brito, com o distinto clinico na capital, sr. dr. Guilherme Pinto Rodrigues da Costa, (Alvelos), filho da sr.^a viscondessa de Alvelos e do saudoso visconde do mesmo título, servindo de madrinhas a senhora de Salter Cid e a mãe do noivo e de padrinhos o pai da noiva e o irmão do noivo sr. dr. José Pinto Rodrigues da Costa (Alvelos). Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Finda a cerimónia foi servido no salão de meza do palacete da Quinta de Nossa Senhora de Lourdes, residência do pai da noiva, um finíssimo lanche, partindo os noivos a quem foram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas, para o norte, onde foram passar a lua de mel.

— Celebrou-se na freguezia da Penha, Mondim de Basto, o casamento da sr.^a D. Ana Augusta Pereira da Cunha, gentil sobrinha do falecido sr. conselheiro Pereira da Cunha, com o sr. Eduardo Pinheiro, Torres, sobrinho do sr. dr. Alberto Pinheiro Torres, tendo servido de madrinhas as sr.^{as} D. Maria Inácia Machado e Moura, mãe da noiva e D. Maria da Conceição de Abreu Pinheiro Torres, mãe do noivo e de padrinhos os srs. Joaquim Machado Pereira da

Cunha, irmão da noiva e dr. António Pinheiro Torres, irmão do noivo, presidindo ao acto o reverendo Domingos Pires-Bouça, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, seguindo os noivos a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas, para o norte, onde foram passar a lua de mel.

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso, a sr.^a Marquês de Mira Flores, sendo assistida pelo distinto cirurgião sr. dr. Pedro da Cunha (Olhão). Mãe e filho estão de perfeita saúde.

— No Porto teve o seu bom sucesso, a sr.^a D. Maria Elvira Freitas da Cunha Teixeira, esposa do sr. José da Cunha Teixeira. Mãe e filha estão de perfeita saúde.

— Assistida pelo distinto cirurgião sr. dr. Pedro da Cunha, teve o seu bom sucesso, a sr.^a D. Lúcia Leone Pereira Gago da Silva, esposa do sr. Artur Gago da Silva, distinto clinico em Setúbal. Mãe e filho estão de perfeita saúde.

— A sr.^a D. Corbélia Ermelinda Guimarães Carneiro Santos esposa do sr. Joaquim Vieira Deniz dos Santos, teve no Porto, o seu bom sucesso. Mãe e filho encontram-se bem de saúde.

— No Hospital de S. Luís Rei de França, teve o seu bom sucesso a sr.^a D. Maria Ana de Cabêdo Garcia de Falcão Machado, esposa do sr. Fernando Falcão Machado. Mãe e filha estão de perfeita saúde.

— A sr.^a Dr. D. Custódia do Vale, esposa do sr. Alberto Xisto do Vale, teve o seu bom sucesso, assistida pelo distinto cirurgião sr. dr. Pedro Cunha (Olhão). Mãe e filha encontram-se felizmente bem.

Baptizados

— No Porto, na paróquia de Santo Ildefonso, celebrou-se o baptizado da menina Maria Antónia, gentil filha da sr.^a D. Maria Luísa Mendes Correia de Magalhães Basto e do sr. Dr. Artur de Magalhães Basto, servindo de madrinha a sr.^a D. Carmen Loureiro Mendes de Magalhães Basto e de padrinho o professor sr. Dr. António Augusto Esteves Mendes Correia.

D. NUNO.



Casamento da sr.^a D. Maria de Lourdes Pinto Lopes, com o sr. dr. Horácio Castro Guimarães, celebrado na paróquia de S. Jorge em Arroios. Os noivos e padrinhos

PIM DE PESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — 3, 2
Copas — V, 2
Ouros — —
Paus — A, 2

Espadas — — —	N	Espadas — — —
Copas — D, 10	O	Copas — 9, 7, 6
Ouros — D, 10	E	Ouros — R, V.
Paus — D, 10	S	Paus — R.

Espadas — — —
Copas — A, R, 8
Ouros — 3, 2
Paus — 3

Trunfo espadas: S: joga e faz todas as vazas.

Solução

S joga 7 de espadas que N corta com 3 de paus.

N joga o Rei de copas, baldando-se S a 2 de ouros, O entra de Az de copas e joga o 5 de copas que S corta com 2 de paus.

S joga 4 de paus e obriga O e E a baldarem-se por forma a não fazerem mais nenhuma vasa.

Se O joga ouros em lugar de copas N entra da Dama de ouros e joga 7 de copas que S corta com 2 de paus, jogando em seguida o 4 de paus.

Xadrez

(Solução)

Lance inicial: D — 8 B D

Se 1. P.:

R × C	Mate por D — 8 C R +
D × T (3 C D)	— B × D +
D — 5 C D	— T × D + (desc.)
D noutra parte	— T — 3 R + +
B — 4 B D	— C — 7 B D +
B — 5 D	— C — 4 B R +
C — 5 D	— C — 4 B R +
Qualquer outro	— D × D +

Numa descrição duma viagem feita em 1912 entre a Madeira e o Pará, conta Duchemin que o seu navio se encontrou de repente, uma noite, numa enorme mancha fosforescente do mar, que tinha mais de mil quilómetros de comprimento. Como a noite era sem lua, o fenómeno pôde observar-se em condições muito favoráveis, dando os animais que produzem este fenómeno, uma fosforescência prateada que iluminava toda a superfície da água.

Na noite seguinte, e repentinamente, a fosforescência desapareceu. Porquê? Teriam mergulhado as baterias fosforescentes, ou estará o fenómeno ligado a acções ainda desconhecidas.

Tesouro artístico

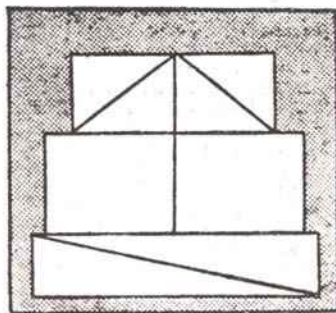
Entre os desenhos de mestres antigos que, em julho de 1936 se venderam em Londres, em leilão, e que compreendiam obras de Alberto Durer e outros artistas alemães, bem como pintores italianos, os amadores tiveram dificuldade em estabelecer as suas preferências.

Foi um desenho de Leonardo de Vinci que obteve o preço mais assombroso; um esboço traçado com a mão esquerda pelo mestre, num pedaço tósc de papel ligeiramente rosado.

Esse esboço mede cerca de 12 por 13 centímetros, contendo 155 centímetros quadrados. Como foi vendido por 4100 guinéus, ou seja aproximadamente 465.000\$00, o seu valor é pois de 3.000\$00 cada centimetro.

Esse mesmo desenho tinha sido cedido, antes da guerra, por menos de 15.000\$00.

Paciência geométrica



Decalcar este desenho, colá-lo sobre cartão fino, recortar as diversas figuras de que ele se compõe e formar, com elas, um heptágono.

O cão e os carneiros pintados

Se um cão é capaz de reconhecer um retrato! Tal foi a questão levantada por um jornal inglês e que deu lugar à seguinte experiência: Um podengo muito inteligente, pertencente a um pintor tinha o mau costume de perseguir os carneiros, mas tinham conseguido fazer-lhe passar esse gosto deastroso. Um dia, o dono pintou um rebanho de carneiros guardado por dois cães.

Tendo o pintor sido chamado por alguém, saiu um momento do quarto. Encostou a tela à parede e, quando voltou, ficou muito lisongeadado por encontrar o seu podengo parado diante do quadro,

com as orelhas espetadas, o olhar acêso e numa grande agitação. O pintor ficou tanto mais admirado deste incidente quanto os carneiros não tinham mais de 20 a 30 centímetros de comprimento. O cão deve ter julgado que os estava vendo de longe.

Enquanto aos seus congêneres que se encontravam no quadro, nem sequer olhou para eles, mas de cada vez que lhe mostraram a tela, deu sinais duma viva agitação e chegou mesmo a saltar para cima da mesa, para examinar a pintura de mais perto.

Palavras cruzadas

(Passatempo)

1	2	3	■	■	■	4	5	6
	■	7			8			■
9	10		■	11	■	12		13
■	14		■	15		16	■	17
18		■	19			20	■	21
	■	23			■	24		25
■	26				■	27		■
28	■	■	■	■	■	■	■	29
30	31	32		■	33	■	34	35
37			■	38		39	■	40
41	■	42					■	43

Horizontais:

1 — Vento brando. 4 — Que perdeu o gume e não pode cortar. 7 — Íntimo. 8 — Lista. 9 — Elevado. 12 — Líquido transparente. 14 — Contração de preposição e artigo. 15 — Personagem da Bíblia. 17 — Atmosfera. 18 — Aspecto. 19 — Castas. 21 — Bôca em latim. 23 — Imperativo do verbo dizer em latim. 24 — O mesmo que n.º 8. 26 — Ofendido. 27 — Levantar. 30 — Ministro maometano. 34 — Espécie de fruta. 37 — Pai em inglês (familiarmente) 38 — Divide ao meio. 40 — O mesmo que n.º 15. 41 — Artigo definido. 42 — Ágil nos movimentos. 43 — Metade de «baba».

Verticais:

1 — Espécie de fruta. 2 — Cerimónia religiosa. 3 — Patrão. 4 — Sádica. 5 — Nome de mulher. 6 — Interjeição. 10 — Família. 11 — Animal doméstico. 13 — Espécie de boi selvagem. 15 — Feito de fita. 16 — Falha. 18 — Interjeição. 19 — Espécie de flor. 20 — Astro central. 22 — Sem companhia. 23 — Preposição. 25 — Nota musical. 28 — Nome feminino. 29 — Conjunção. 32 — Preposição em latim. 33 — Espaço de tempo. 35 — Artigo árabe. 36 — «Emprego» em inglês. 38 — Pronome pessoal. 39 — Conjunção em latim.

Numas excavações na Sicília encontrou-se uma pedra gravada reproduzindo um arado primitivo puxado por abelhas, representando o trabalho: duas abelhas estão atreladas ao timão e uma poisa na rabiça, como que a conduzir o régo.



—Então, Erico, foste bom rapazinho a tomar banho com o pai?
—Fui sim, mãezinha. Cada vez que o pai falava com uma senhora bonita, eu afastava-me e nadava sozinho.
(De London Opinton).

A PROSA ADMIRAVEL DUM GRANDE ESCRITOR

À venda a 3.^a edição de**NEVES DE ANTANHO**

do CONDE DE SABUGOSA

Ignez Negra. — Amores do Senhor D. Jorge. — D. Brites de Lára. — Um romance na Corte de D. João III. — Desculpa de uns amores. — A filha de D. Pedro Nunes. — Sôror Violante do Céu. — D. Francisco Manoel de Melo. — Antónia Rodrigues. — Amor aos livros. — Ramalho Ortigão. — Um beija-mão de Ano Bom no Paço da Ajuda.

1 volume de 318 págs., brochado 12\$50
Pelo correio à cobrança mais 2\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

UM GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

VIAGENS EM ESPANHAPOR **JÚLIO DANTAS**

À VENDA O 3.º MILHAR

O pórtico da glória — La maja desnuda — Os bêbados de Velásquez — Galiza e a saudade — Mosen del Sevillano — A Aljateria de Saragoça — Princesas de Moro e de Ticiano — O túmulo de Rosalia — A armadura de D. Sebastião — O luar de Pontevedra — La Tirana — Las mujeres son buenas — Bárbara de Bragança — Rainha de uma noite — Carlota Joaquina num quadro de Goya — A lingua galega — A rainha peregrina — El Português en Sevilla — A loucura de Don Quixote — O castelo do rouxinol — Lopo de Vega em Portugal — Um português na obra de Cervantes — Puente de Bartzia — Toledo e o "Greco" — Los desastres de la guerra.

Um volume de 312 páginas, brochado, com capa a cores, ouro e prata. 12\$00
Pelo correio à cobrança. 14\$00

Pedidos aos editores: **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR — DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

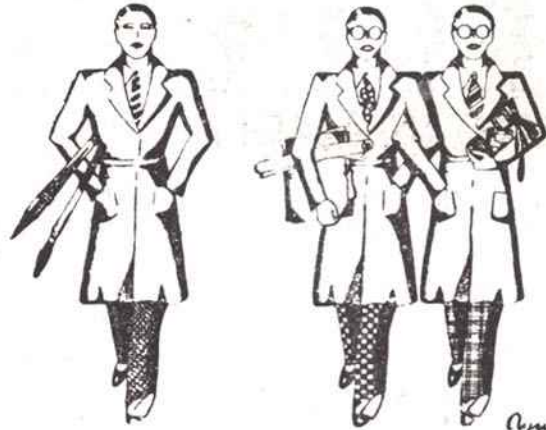
Premiada com medalha de ouro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — **DIPLOMAS DE HONRA** na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 22074

GRAVADORES**IMPRESSORES**

TELEFONE **BERTRAND**
21308 **IRMÃOS, L.** DA
TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 — LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERÁPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

Banhos de agua termal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulver-
sações, etc. — — — —

FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens. — — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS

Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

À venda a 3.^a edição

AVENTURA MARAVILHOSA

de D. Sebastião, Rei de Portugal,
depois da batalha com o Miramolim

ROMANCE

por **AQUILINO RIBEIRO**

1 vol. de 318 págs., com uma artística
capa de Alberto de Sousa, brochado **12\$00**
Pelo correio, à cobrança **14\$00**



Edição da **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

SAMUEL MAIA
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃES
O MEU MENINO

Como o hei-de gerar,
crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado, encad., **17\$00**; broc., **12\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**, 73, R. Garrett, 75 — LISBOA

À venda a 9.^a edição

D. Pedro e D. Inês

"O GRANDE DESVAYRO!"

Romance por **ANTERO DE FIQUEIREDO**

1 vol. de 324 páginas, brochado, com capa a cores e ouro,
Esc. **12\$00**

Pelo correio à cobrança, Esc. **14\$00**

À venda em tôdas as livrarias

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

Orações e Conferências

de **CARLOS MALHEIRO DIAS**

1 vol. de 176 págs., broch. **8\$00**
Pelo correio à cobrança **9\$00**

À venda em tôdas as livrarias

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À venda a 3.^a edição

BERNARDES

DA ANTOLOGIA PORTUGUESA

Organizada pelo Dr. **AGOSTINHO DE CAMPOS**

2 volumes de 274 págs. cada um, broc. Esc. **24\$00**
Pelo correio à cobrança, Esc. **27\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

a 3.^a edição, corrigida, de

O Romance de Amadis

reconstituído por **Afonso Lopes Vieira**

1 volume de 230 páginas, ilustrado, brochado **15\$00**
Pelo correio, à cobrança **16\$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E
COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encader. com
351 páginas. **25\$00**



DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bêbé

A arte de cuidar
do lactante

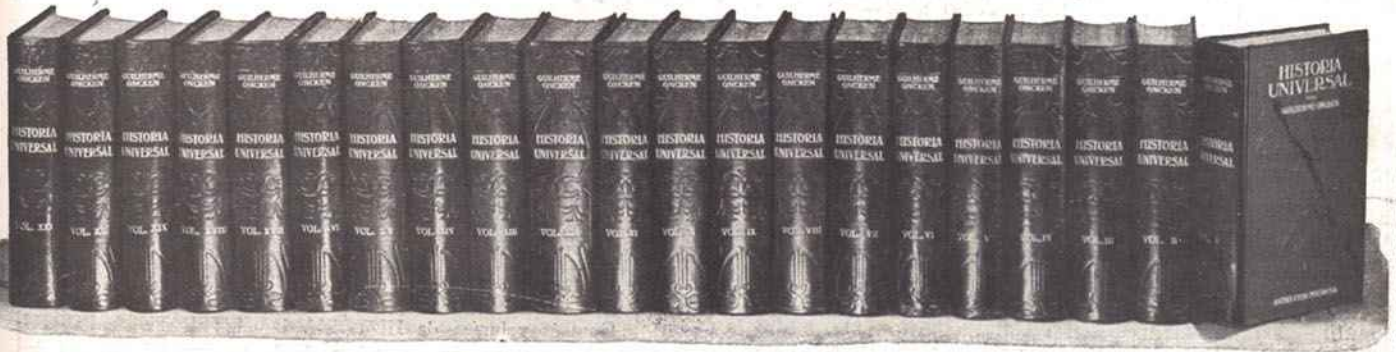
Tradução de Dr.^a Sára Ben-
noffel e Dr. Edmundo Adler,
com um prefácio do Dr. L. Cas-
tro Frelre e com a colaboração
do Dr. Heltor da Fonseca.

Um formosíssimo
volume ilustrado

6\$00

Depositária:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Venda a prestações contra entrega imediata da obra.
O cliente paga a 1.^a prestação e pode levar para casa
os 21 volumes tendo ainda a vantagem do sorteio
que lhe pode proporcionar o pagamento da obra por
uma deminuta importância



HISTÓRIA UNIVERSAL

de GUILHERME ONCKEN

A mais completa e autorizada história universal até hoje publicada

Tradução dirigida por

CONSIGLIERI PEDROSO, AGOSTINHO FORTES, F. X. DA SILVA TELES e M. M. D'OLIVEIRA RAMOS
antigos professores de História, da Faculdade de Letras

21 vols. no formato de 17^{cm.} × 26^{cm.}, 18.948 págs., 6.148 grav. e mais de 50 hors-textes

Muito bem encadernados em percalina e letras douradas

Em 20 prestações mensais de Esc. 75\$00 com resgate por sorteio mensal Esc. 1.500\$00

COMO É O SORTEIO? Os recibos das prestações com direito a sorteio levam o número da inscrição (só dois algarismos). Quem tiver o número igual aos últimos dois algarismos do número premiado com o 1.^o prémio da última lotaria do mês **NADA MAIS TERÁ QUE PAGAR** liquidando assim o débito que nessa data tiver de prestações a vencer. **ASSIM PODERÁ SALDAR O SEU DÉBITO, APENAS COM UMA OU MAIS PRESTAÇÕES** conforme a sorte bafejar o comprador. Desta vantagem **NÃO BENEFICIARÁ O COMPRADOR** que estiver em atraso de uma ou mais prestações.

Mediante pequena formalidade o comprador, apenas com o pagamento da 1.^a prestação,
pode levar a obra completa para sua casa

Peçam informações mais detalhadas à

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00;	
br.	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br.	15\$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª	
edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe	
disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que	
eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado,	
1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc.	
17\$00; br.	12\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00;	
br.	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DUQUE (O) DE LAFOES E A PRIMEIRA SESSÃO	
DA ACADEMIA, 1 vol. br.	15\$50
ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00;	
br.	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol.	
Enc. 13\$00; br.	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc.	
13\$00; br.	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROISMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Confer-	
rências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
PATRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$50;	
br.	12\$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Confer-	
rência), 1 fol.	2\$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência),	
1 fol.	1\$50
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br.	1\$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	5\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol.	
Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística
dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

ASSINATURA EXTRAORDINÁRIA

para venda dos últimos exemplares desta edição

Os três volumes da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em magnífico papel couché os seus três volumes são um álbum e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, sêlos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-símiles de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fora do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres fora do texto e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro, o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fora do texto e 2.157 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, é escrita pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos **A. Botelho da Costa Veiga, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Alfredo Pimenta, António Baião, Fidelino de Figueiredo, Gustavo de Matos Sequeira, Hernâni Cidade, Joaquim de Carvalho, José de Figueiredo, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge, etc., etc.**

**Cada fascículo de 32 páginas,
profusamente ilustradas,**

Esc. 10\$00

Aceitam-se assinaturas para todos os pontos do país

Examinem o fascículo-espécime em qualquer livraria

cu na

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett — LISBOA

INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

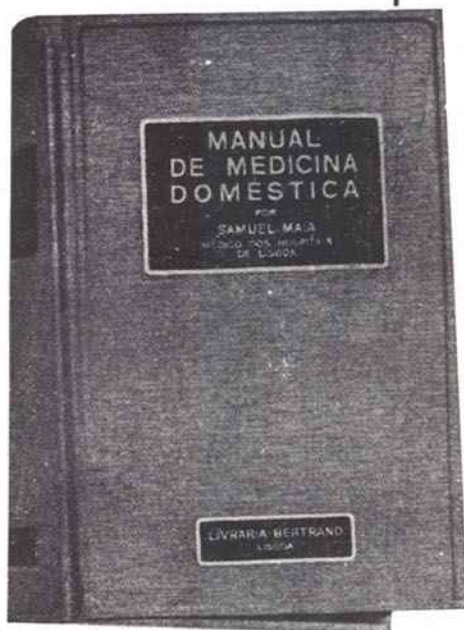
INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica**, é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre**, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sôbre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc.; etc.; enfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tóda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGENCIA



EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

E assim, quando na **ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência**, ou na sua falta, como no interior e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA**, nele se encontrarão todos os conselhos, tódas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

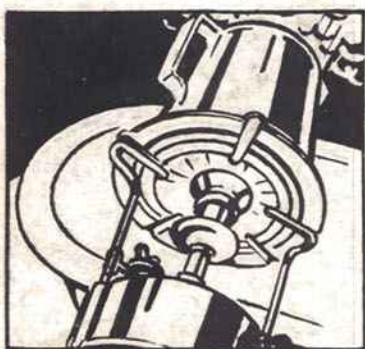
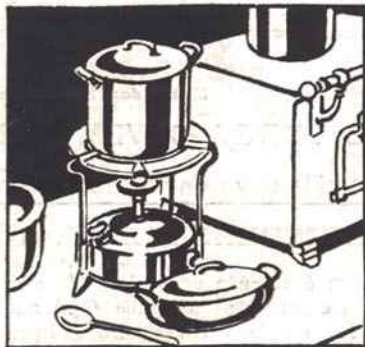
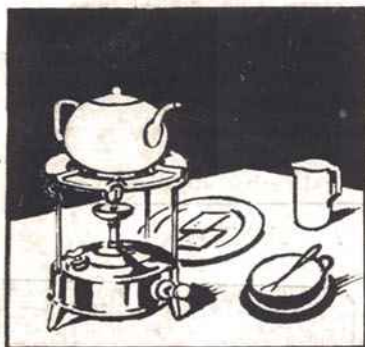
Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35\$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75

No lar...



Na casa de V. Ex.º o Fogareiro Vacuum presta inúmeros serviços: águas quentes para todos os usos, as refeições sempre a horas, um chá para a visita que chega, um tratamento urgente . . .

Utensílio aseado, prático e económico.

Ferve um litro de água em 2 minutos.

Consome 1 1/2 decilitro de petróleo por hora.



FOGAREIROS



VACUUM